

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LASEB**  
**CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Karla Fabiana Anacleto Gomes

**O USO DO CELULAR PELO PROFESSOR: projeção de vídeos como atividade de alfabetização**

Belo Horizonte

2019

Karla Fabiana Anacleto Gomes

**O USO DO CELULAR PELO PROFESSOR: projeção de vídeos como atividade de alfabetização**

Monografia de especialização apresentada ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ana Paula Rodrigues

Belo Horizonte  
2019

G633u  
TCC

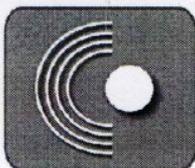
Gomes, Karla Fabiana Anacleto, 1977-  
O uso do celular pelo professor [manuscrito] : projeção de  
vídeos como atividade de alfabetização / Karla Fabiana Anacleto  
Gomes. - Belo Horizonte, 2019.  
82 f. : enc, il.

Monografia – (Especialização) - Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
Orientador: Ana Paula Rodrigues.  
Bibliografia: f. 71-76.  
Apêndices: f. 77-82.

1. Educação. 2. Ensino audiovisual. 3. Telefone celular –  
Aspectos educacionais. 4. Ensino visual. 5. Gravações de vídeo.  
6. Videoteipes na educação.  
I. Título. II. Rodrigues, Ana Paula. III. Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.33

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FAE/UFMG (Setor de referência)  
Bibliotecário: Ivair Fernando Leandro CRR: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO OCTOGÉSIMO NONO TRABALHO FINAL DO CURSO  
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “O uso do celular pelo professor: projeção de vídeos como atividade de alfabetização”, do(a) aluno(a) **Karla Fabiana Anacleto Gomes**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Ana Paula Rodrigues (orientador) e Welessandra Aparecida Benfica. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Karla F. Anacleto Gomes  
**Karla Fabiana Anacleto Gomes**

Registro na UFMG: 2018749921

Ana Paula Rodrigues  
Ana Paula Rodrigues  
Professor(a) Orientador(a)

Welessandra Benfica  
Welessandra Aparecida Benfica  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

A todos os meus familiares, especialmente  
ao meu pai, que me fez acreditar na  
possibilidade de estar aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, sempre, e em todos os momentos!

Aos meus pais Eustáquio e Irma; e aos meus irmãos Kênia, Paula e Bruno, amo vocês!

Ao meu marido, Joel e à minha querida filha Emanuely, inspiração para seguir em frente!

E a todos os meus professores e colegas de sala, aprendi muito com vocês!

*Não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.  
(Drummond, 2012, p. 34).*

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar se o uso do celular pelo professor, na sala de aula, através de vídeos de alfabetização, poderia contribuir para o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. Já como objetivos específicos, procurou-se identificar o nível de escrita dos alunos; se conseguiram reconhecer as letras/sílabas analisando esse registro; e, por último, perceber se havia o envolvimento dos alunos nas práticas realizadas. Trata-se de uma pesquisa-ação de caráter exploratório, que foi realizada em uma escola pública de Belo Horizonte, na região de Venda Nova, e ocorreu em uma turma de 25 alunos do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental de idades entre 5 a 7 anos; tendo como aporte teórico Emília Ferreiro (1985), Magda Soares (2014) e José Manuel Moran (2017). A investigação se justifica em razão do interesse da pesquisadora por tecnologia; da preocupação com a alfabetização; e das críticas sofridas por ela ao utilizar o aparelho no ambiente escolar. Por meio de uma abordagem qualitativa, buscou-se verificar o nível de escrita dos alunos a partir dos registros feitos em três momentos: o diagnóstico inicial, a cópia do quadro e a visualização do vídeo. Além da análise da escrita dos alunos nas atividades propostas, usou-se a observação participante da sala de aula e o diário de campo. Entre os resultados da pesquisa, observou-se que várias são as formas de favorecer o processo de alfabetização e que a utilização do celular por meio da projeção de vídeos pode ser uma delas. Além de ter contribuído para o aperfeiçoamento da própria prática da pesquisadora, a realização deste trabalho possibilitou a descoberta e a divulgação do “celular Datashow”, como mais uma ferramenta que otimiza a prática docente. Por fim, destaca-se que a tecnologia tem seus aspectos positivos e negativos, sendo necessário saber utilizá-la adequadamente, uma vez que se vive em um contexto de muitas informações, as quais estão, literalmente, na “palma da mão”.

**Palavras-chave:** Alfabetização e Letramento. Tecnologias educacionais. Celular na sala de aula. Vídeos de Alfabetização.

## ABSTRACT

This study aimed to investigate whether the use of mobile phones by the teacher in the classroom, through literacy videos, could contribute to the literacy process in the first years of elementary school. As specific objectives, we seek to identify the level of writing of students; if they could recognize the letters/syllables by analyzing this record; and finally, to see if there was the involvement of the students in the practices carried out. This is an exploratory action research, carried out in a public school in Belo Horizonte, in the Region of Venda Nova, and took place in a class of 25 students of the 1st year of the 1st cycle of elementary school of ages between 5 and 7 years; having as theoretical contribution Emília Ferreiro (1985), Magda Soares (2014) and José Manuel Moran (2017). The investigation is justified due to the researcher's interest in technology; concern with literacy; and the criticism stemming from it when using the device in the school environment. Through a qualitative approach, we sought to verify the level of writing of the students from the records made in three moments: the initial diagnosis, the copy of the board and the visualization of the video. In addition to analyzing the students' writing in the proposed activities, we used the participant observation of the classroom and the field diary. Among the results of the research, it was observed that there are several ways to favor the literacy process and that the use of mobile phones through the projection of videos can be one of them. Besides having contributed to the improvement of the researcher's own practice, the accomplishment of this work allowed the discovery and dissemination of the "Cellular Datashow", as another tool that optimizes the teaching practice. Finally, it is worth mentioning that technology has its positive and negative aspects, and it is necessary to know how to use it properly, since one lives in a context of much information, which is literally in the "palm".

**Keywords:** Literacy and Literacy. Educational technologies. Cell phone in the classroom. Literacy videos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Imagem ilustrativa do celular Moto Z3 Project Edition.....	49
<b>Foto 1</b> - “1ª ATIVIDADE”, ou “diagnóstico”, aplicada no dia 19/02/19, da aluna Bruna....	42
<b>Foto 2</b> - “2ª ATIVIDADE - APÓS QUADRO” aplicada no dia 02/04/19, da mesma aluna Bruna .....	43
<b>Foto 3</b> – Alunos assistindo ao vídeo dos “Pequerruchos” através do celular.....	44
<b>Foto 4</b> – “3ª ATIVIDADE - APÓS VÍDEO” aplicada no dia 03/04/19, da mesma aluna Bruna .....	45
<b>Foto 5</b> – “3ª ATIVIDADE - APÓS VÍDEO” aplicada no dia 03/04/19, da aluna Renata....	52

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “1ª Atividade” possuindo o celular Moto G5.....	53
<b>Gráfico 2</b> - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “2ª Atividade - após quadro” possuindo o celular MotoG5.....	54
<b>Gráfico 3</b> - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “3ª Atividade - após vídeo” utilizando o celular MotoG5.....	58
<b>Gráfico 4</b> - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “1ª Atividade” possuindo o “celular Datashow” .....	61
<b>Gráfico 5</b> - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “2ª Atividade - após quadro” .....	63
<b>Gráfico 6</b> - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “3ª Atividade - após vídeo” possuindo o “celular Datashow” .....	63

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
DVD	DISCO DIGITAL VERSÁTIL
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
INAF	INDICADOR DE ANALFABETISMO FUNCIONAL
INTERNET	REDE INTERNACIONAL
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
NTCI	NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PPP	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
SMS	SERVIÇO DE MENSAGENS CURTAS
TV	TELEVISÃO
UFMG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UNESCO	ORGANIZAÇÃO NACIONAL DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: BREVE .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 As discussões atuais sobre métodos de alfabetização.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Analfabetismo no Brasil .....</b>	<b>20</b>
<b>2 O CELULAR E A ESCOLA.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 O surgimento dos aparelhos celulares no Brasil.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 As legislações sobre o celular.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 As potencialidades do celular.....</b>	<b>25</b>
<b>2.4 As tecnologias e o ambiente escolar.....</b>	<b>28</b>
<b>2.5 Os interesses por trás do celular.....</b>	<b>32</b>
<b>2.6 As críticas em relação ao celular.....</b>	<b>35</b>
<b>3 O PLANO DE AÇÃO.....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 Metodologia do estudo/pesquisa.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 Descrição da ação.....</b>	<b>40</b>
<b>3.2.1 As dificuldades para realizar a ação.....</b>	<b>45</b>
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>50</b>
<b>4.1 O nível de escrita dos alunos através do diagnóstico inicial .....</b>	<b>50</b>
<b>4.2 O reconhecimento de letras/sílabas a partir dos registros realizados.....</b>	<b>50</b>
<b>4.3 O envolvimento dos alunos nas práticas realizadas.....</b>	<b>52</b>
<b>4.4 A utilização de vídeos de alfabetização no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....</b>	<b>53</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE 3 .....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

A tecnologia sempre esteve presente em nosso cotidiano e foi se reconfigurando de acordo com os desejos e vontades do homem, correlacionada ao contexto histórico. E isso também se refere ao uso do celular: aparelho que está presente na vida da maioria dos brasileiros. E, isso é comprovado, estatisticamente, já que segundo Gomes (2018, s/p.), em 2016, o celular “era usado por 94,6% dos internautas, à frente de computadores (63,7%), *tablets* (16,4%) e televisões (11,3%)”. Segundo o IBGE, até o mesmo ano, 77,1% dos brasileiros possuíam algum celular. Ou seja, é unânime a presença do aparelho na vida da maioria dos brasileiros, o que torna necessário investigar se há contribuições deste para o ambiente escolar.

Porém, o seu uso não é muito comum dentro da sala de aula, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental; e esse tipo de tecnologia pode estar afastado da instituição escolar por vários motivos, entre eles, a falta de formação dos professores, a preocupação dos pais, ou, até mesmo, em razão das legislações.

Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que o celular pode ser aproveitado no processo de alfabetização. Isso porque acreditamos que há várias possibilidades dessa tecnologia no ambiente escolar, especialmente pelo fato de os alunos participantes da pesquisa terem nascido neste contexto digital.

Desse modo, analisou-se uma turma do 1º ano do 1º ciclo de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, situada na região de Venda Nova. A escola foi inaugurada em 1986, e, no turno da manhã, atende alunos do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, e, no período da tarde, apresenta turmas do 5º ao 9º ano. Ao todo são 16 turmas no período diurno e 16 turmas no vespertino, totalizando quase 900 alunos.

A referida instituição está passando por um momento de mudanças, tanto na sua estrutura física como também com uma nova direção eleita pela comunidade escolar, além de também se ter novos funcionários, já que muitos servidores estão se aposentando. Passou recentemente por um processo de reformas que trouxe melhorias para o espaço da cantina, criou um laboratório de Ciências, construiu rampas de acesso na entrada e ampliou o espaço da biblioteca. No entanto, a escola não possui auditório e o laboratório de informática fica mais restrito ao pessoal da Integrada (para aqueles alunos que ficam no período integral),

sendo que somente em outubro passou-se a ter *wi-fi*<sup>1</sup>. A escola também possui uma área verde de preservação que está em processo de estruturação/construção, assim como o seu próprio “Projeto Político Pedagógico” (PPP), já que os funcionários, de maneira geral, sempre tiveram bastantes conflitos internos, o que impedia a elaboração deste.

Já o interesse por investigar o uso do celular pelo professor em sala de aula fez-se em razão da minha formação em “Processamento de Dados” no Ensino Médio, da preocupação com a alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental e das críticas sofridas por utilizar o aparelho no ambiente escolar desde muitos anos, mesmo que de forma pedagógica.

Muito se fala que os professores precisam diversificar suas metodologias, propondo aulas que sejam respaldadas no contexto histórico, na “realidade do aluno” e de maneira criativa e estimulante. Então, por que não aproveitar desse aparelho que já faz parte da vida familiar dos discentes e possui inúmeros recursos que poderiam ser utilizados?

Diante disso, é preciso verificar se o celular, desde que proposto com objetivos bem definidos e de forma sistematizada, pode colaborar para o processo de alfabetização e conseqüentemente estimular alunos, professores e responsáveis. O objetivo geral da pesquisa foi, portanto, investigar se o celular, por meio da exibição de vídeos de alfabetização, contribuiu para o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Já como objetivos específicos tentou-se, primeiramente, identificar o nível de escrita dos alunos (diagnóstico); se conseguiram reconhecer as letras/sílabas analisando a partir dos registros de escrita; e, por último, perceber se havia o envolvimento dos alunos nas práticas realizadas.

De acordo com os objetivos mencionados, primou-se pela pesquisa exploratória, uma vez que foi apenas o professor que utilizou o celular em sala de aula e não os alunos, como é recorrente nas investigações sobre o assunto. Já em relação às fontes de informação, esta pesquisa teve o caráter bibliográfico, pois inicialmente foi discutido sobre o que alguns teóricos entendem por alfabetização e tecnologia, baseando-se numa perspectiva sócio construtivista, além de mencionar as legislações recentes. Posteriormente foi feita uma análise sobre a alfabetização no Brasil, destacando como o atual governo enxerga este processo, além de comentar sobre a importância que o ensino dá à “língua padrão”. Também foi mencionado sobre os prazos para que essa alfabetização aconteça; ou seja, o que determinam as leis sobre o assunto; e, finalmente, como a tecnologia, especificamente o celular, pode aparecer nesse contexto.

---

<sup>1</sup> Padrão técnico para Internet sem fio. Por ondas de rádio pode-se criar acesso à Internet sem fio por algumas centenas de metros. (LEMOS, 2004, apud TOSHI e Neiva, 2014, p. 45).

Além disso, trata-se de uma pesquisa-ação, já que foi realizada na minha própria sala; onde sou professora de alunos do 1º ano do 1º ciclo da rede municipal de Belo Horizonte. O trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro foi abordado o que certos teóricos construtivistas afirmam sobre o processo de alfabetização e as recentes discussões sobre alfabetização no Brasil. Já no segundo capítulo, foram destacados o aparecimento do celular mundialmente e no Brasil, as legislações específicas sobre o aparelho, a sua ausência no ambiente escolar e as suas potencialidades, como também os interesses que se escondem a partir da sua utilização. No terceiro capítulo foram mencionados quais métodos foram utilizados para realizar esta pesquisa e como ocorreram as ações sobre o processo de investigação sobre o tema. Já no quarto capítulo foi analisado se o celular poderia contribuir para o processo de alfabetização ao se comparar três momentos de registros dos alunos: a partir de um diagnóstico inicial, ao fazer uma cópia do quadro (fato comum na escola) e logo após a projeção de um vídeo de alfabetização utilizando o celular. E, finalmente, no último capítulo, foi destacada a possibilidade de o celular ser mais um instrumento no processo de alfabetização.

## 1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: BREVE REVISÃO

Neste capítulo procurou-se identificar o que alguns teóricos afirmam sobre o processo de alfabetização, tendo a perspectiva construtivista como base; as recentes discussões no Brasil sobre o assunto, principalmente em virtude da mudança de governo, em razão das eleições para presidente; o analfabetismo ainda presente na realidade escolar; a defesa da “língua padrão” como modelo de aprendizagem; e o que as legislações educacionais propõem para que a alfabetização se realize.

Sabe-se que concepções sobre a educação sempre surgiram de acordo com a sociedade em questão e isso também não se difere quando o assunto é alfabetização. Quando se embasa em uma vertente construtivista, vê-se uma mudança na concepção do processo ensino-aprendizagem que antes se centrava apenas na figura do professor, e agora passa a ter o aluno como foco.

Podemos conceituar o construtivismo como uma teoria na qual nada está pronto e acabado, mas está por se constituir a partir da interação do indivíduo com o meio físico e social e, no caso da alfabetização, com a linguagem – como objeto de conhecimento. De acordo com as teorias desenvolvidas por Emília Ferreiro e seus colaboradores, não devemos enfatizar e nem priorizar as concepções mecanicistas sobre o processo de alfabetização. Para a autora, o foco não está no ensino e na transferência do conhecimento, mas no modo como a criança aprende por meio da construção de um conhecimento que é efetivado pelo próprio sujeito (SAVIAN, p. 155).

O aluno passa a ser o centro do processo de ensino-aprendizagem e é a partir dele que todo o processo educacional é desencadeado, respeitando aquilo que ele já sabe, aquilo que ele traz, na diversidade e ritmo de cada um; e não o que ele deveria saber e nem passando o conteúdo para todos de uma maneira única. Desse modo, o conceito de ensino está atrelado ao conceito de aprendizagem, como salienta Freire (1996), já que um não se realiza sem o outro. Sendo que esse processo (ensino-aprendizagem) pode acontecer em diversos espaços e situações, não se restringindo apenas ao ambiente escolar. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 26).

Ou seja, só se pode dizer que houve efetivamente “ensino” quando este resultou em algum “aprendizado”, tanto para o professor quanto para o aluno, ambos “sujeitos do processo”. Isso implica um princípio fundamental para Freire: o de que o aluno, alfabetizado ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor nem pior do que a do professor. Em sala de aula, os dois lados aprenderão juntos, um com o outro - e para isso é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar (FERRARI, 2008, s/p.).

Desse modo, tanto quem ensina quanto quem aprende traz um “saber” que deve ser respeitado e considerado, pois estamos “aprendendo” constantemente, em diversas situações. E, nesse aprendizado, o professor é a figura essencial entre o aluno e o conhecimento para Vygotsky (citado por MONROE, 2018), tornando-se um “elo intermediário” e trazendo o conceito de “mediação”.

Sabe-se que a aprendizagem não acontece apenas com a intervenção de educadores, precisa estar organizado e ter uma intenção, um objetivo, pois não adianta apenas oportunizar aulas em grupo para que ele ocorra, momentos de “internalização”, que são individuais, também são necessários.

Com relação a esse processo de “internalização”, segundo Piaget (citado por FERNANDES, 2011) essas formas de interação com o mundo recebem o nome de “esquemas de ação” e são consideradas o “motor do conhecimento”, e a partir disso vão construindo “estruturas mentais” que possibilitam o aprendizado. Inicialmente isso acontece com a experiência empírica e mais tarde caminhando ao pensamento formal, abstrato, através de “estágios” nos quais a indicação das idades é apenas uma aproximação, já que a passagem de uma fase para a outra vai depender das interações de cada um com o meio.

Diante disso, percebe-se que o meio tem influência na aprendizagem e também como o indivíduo, que traz as suas próprias experiências, deve ser contemplado e respeitado na sua razão de ser. E isso tudo é fundamental para o processo de alfabetização, que nos dias de hoje passa por um momento de discussões em nosso país, já que se coloca o método fônico como a solução para o atual governo.

Mas, afinal, o que é alfabetização? “Em síntese, alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala” (SOARES, 2014, s/p.). Desse modo, aprender a “ler e escrever” é fundamental e também um desafio para os professores nos anos iniciais do ensino fundamental. A diversidade de métodos e concepções sobre educação sempre mudou no decorrer da história da humanidade.

Com o decorrer do tempo, o significado do que é “alfabetizar” também passou por alterações e teve seu sentido ampliado para o “uso social”, dando origem ao termo “letramento”. Vive-se em uma “sociedade letrada”, que tem a escrita como foco central na sua realidade. É o que Soares e Batista (2005) enfatiza ao dizerem que “o termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a

escrita alfabético-ortográfica” (p. 24). Ou seja, seria aquela pessoa que sabe “ler e escrever”, que “decodifica” o que está escrito. Só que Soares (2005), porém, destaca que o próprio conceito de alfabetização foi sendo alterado segundo o censo brasileiro, por exemplo, “assinar o próprio nome”, “ler e escrever um bilhete simples”, ou seja, o conceito foi sendo redimensionado para o “uso social da cultura escrita”, que é o “letramento”.

É o que justifica e explica o surgimento de um termo que se acrescenta e se associa à aprendizagem do sistema alfabético – à alfabetização – para nomear esta outra faceta da aprendizagem da língua escrita – o letramento: o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções (SOARES, 2014, s/p.).

Ou seja, o letramento seria a prática, é saber utilizar-se desse sistema alfabético na vida real, o que acaba ampliando o sentido do termo alfabetização, que fica restrito ao aprendizado do sistema alfabético através dos seus grafemas (letras) para representar os fonemas (sons) da fala. Já o letramento é saber vivenciar esse código na prática, no seu cotidiano, por meio de diversos gêneros textuais. Desse modo, o letramento passa a aparecer como o uso desse alfabeto de forma contextualizada, ou seja, com sentido.

Com o desenvolvimento das novas mídias<sup>2</sup> e tecnologias, os gêneros se transformaram em entidades multimodais, isto é, utilizam-se de diversas modalidades de linguagem – fala, escrita, imagens (estáticas e em movimento), grafismos, gestos e movimentos corporais – de maneira integrada e em diálogo entre si, para compor os textos. Basta ver uma propaganda televisiva ou um videoclipe na internet<sup>3</sup>, para constatar este fenômeno (ROJO, 2006, p. 45).

Nesse sentido, essas “diversas modalidades” irão compor uma estratégia de compreensão que privilegie todo o processo de aprendizagem; o que atualmente já faz parte da nossa vivência cotidiana com o advento das tecnologias. Por isso é comum falar-se em “letramentos”, nesta pesquisa, mais especificamente, no “letramento digital”.

O conceito de letramento normalmente tem foco em textos impressos, já que os textos digitais são mais recentes do que a discussão sobre as práticas sociais de leitura e escrita. Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e

<sup>2</sup> Segundo Martino (2015) “as novas mídias” procuram estabelecer uma diferença entre os chamados “meios de comunicação de massa”, ou “mídias analógicas” como a televisão, o cinema, o rádio, jornais e revistas impressas, dos meios eletrônicos ou “mídias digitais”.

<sup>3</sup> A possibilidade de compartilhar dados na forma de dígitos combinada com a integração de processadores em redes de alta velocidade estabeleceu as condições, ao longo do século XX, para o desenvolvimento de uma teia de conexões descentralizadas que veio a se tornar a internet. (MARTINO, 2015, p. 12).

produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*, em plataformas como *e-mails*, redes sociais na *web*<sup>4</sup>, entre outras (RIBEIRO E COSCARELLI, 2014, s/p.).

Desse modo, saber lidar com estes “textos” que aparecem em suportes como celular ou computador torna-se um grande desafio para a escola, que, normalmente, não utiliza esses instrumentos em favor da alfabetização. Na verdade, o próprio processo de alfabetização se vê em constantes debates sobre qual seria o método ideal para a sua realização.

### 1.1 As discussões atuais sobre métodos de alfabetização

Com o “avanço” das ciências, novas descobertas vão sendo feitas, no entanto ainda permanece como um dos grandes desafios nos anos iniciais do ensino fundamental o processo de alfabetização. E não há como se pensar em escola sem desvinculá-la do contexto da qual ela faz parte, ou seja, atualmente sem se referir à modernidade.

Além de toda parafernália tecnológica, que se torna anacrônica e obsoleta em tempo cada vez mais curto, o ambiente da modernidade do século XX é envolto por uma rede de comunicação jamais imaginada por qualquer outra época da história da humanidade. A ampliação das comunicações telefônicas da imprensa escrita e, principalmente, o advento e a universalização do rádio, da televisão e da internet, propiciaram a “unificação” da espécie humana (SOUZA, 2015, p. 129).

Destarte, a ideia de modernidade traz uma certa noção de tecnologia, de “proximidade”, de comunicação, de conexão, e tudo isso de maneira global. Assim, mesmo que estejamos “distantes”, nunca estivemos “tão próximos”, o que contempla a ideia da virtualidade.

O mundo virtual do ciberespaço<sup>5</sup>, portanto, não se opõe ao que seria um mundo “real”, das coisas desconectadas. Ao contrário, a noção de cibercultura leva em consideração que essas duas dimensões se articulam. A expressão “mundo virtual” pode se opor a “mundo físico”, mas não a “mundo real”. O mundo virtual existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que ele não seja real (MARTINO, 2015, p. 31).

---

<sup>4</sup> Em 1991, Tim Berners-Lee e seus colegas no Centro Europeu de Pesquisas Nucleares desenvolvem a “World Wide Web”, iniciando a criação de páginas e sites - até então, o compartilhamento de dados era feito primordialmente a partir de outras formas de comunicação em rede como as *BBS* (“Board Bulletin System”, ou, em tradução livre, listas de mensagens) e *e-mails*. (MARTINO, 2015, p. 12).

<sup>5</sup> Espaço de interação criado no fluxo de dados digitais em rede de computadores; *virtual* por não ser localizável no espaço, mas *real* em suas ações e efeitos. (MARTINO, 2015, p. 11).

Esse mundo “visível”, que mesmo distante não quer dizer que não seja real, mas às vezes até pode ser irreal quando o que se esconde por trás dele é uma mentira, e desse modo redobra-se o cuidado de “saber utilizar” essa tecnologia, faz parte de um novo contexto de mudanças que continuam acontecendo de forma dinâmica.

Além disso, sempre aparecem novas ideias e leis e outras vêm sendo alteradas no decorrer da realidade histórica, o que também acontece com a educação. Atualmente, o que se vê nas mídias, e também segundo Calçade (2018), é o aparecimento de um “governo” que é contra Paulo Freire e o qual fala que as suas “ideias marxistas” atrapalhariam o “desenvolvimento dos alunos”. Além de criticar também os próprios educadores através do “Programa Escola sem partido”, em que se “acusa professores das escolas públicas de disseminar conhecimento com viés político em sala de aula”, fazendo uma “doutrinação” dos alunos.

E, diante disso, aparecerão posições contrárias, já que Paulo Freire (conhecido pelo seu método de alfabetização de adultos) e Karl Marx influenciaram e influenciam a educação até hoje, e servem de base e estudo para muitos educadores, não só no Brasil como internacionalmente. Desse modo, Basílio (2019) destaca que o atual governo considera apenas o “método fônico” como o caminho para resolver os problemas da alfabetização, e “demoniza” o letramento, pois este seria o “vilão da alfabetização”. Só que segundo o autor mais de 100 organizações se manifestaram com uma “carta” endereçada ao MEC, especificamente ao ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodrigues, e ao secretário da Secretaria de Alfabetização, Carlos Nadalim.

Compreendida como um direito de todos, a alfabetização exige que a escola, como instituição social, cumpra seu papel de ensinar os princípios básicos da escrita alfabética, mas, também de promover conhecimentos que possibilitem, aos indivíduos e aos respectivos grupos, utilizar a escrita como prática social, em contextos os mais diversos. Se existe uma alfabetização como conjunto de habilidades, essa só se desenvolve plenamente se os indivíduos e grupos fazem uso efetivo dessas habilidades (BASÍLIO, 2019, s/p, grifos do autor).

A carta salienta o que significa o processo de alfabetização (o domínio da escrita alfabética) e também a importância do letramento (o uso dessa escrita nas práticas sociais, permeada de sentido), o qual é fundamental para que o sujeito consiga “sobreviver”, agir e mudar a realidade.

Só que quem introduziu o conceito de letramento no Brasil é Magda, uma das maiores autoridades em alfabetização e considera as ideias do atual governo como “um retrocesso”,

uma vez que o método fônico já tinha aparecido anteriormente e nem por isso chegou a resolver a questão da alfabetização brasileira. Para Soares (2019), alfabetizar “não é uma questão de método”; pois na prática os professores “misturam todos os métodos retirando aquilo que está dando certo com os seus alunos”.

Mas, o que seria esses métodos? Segundo Frade (2005) historicamente, pode-se encontrar diversos “métodos”, “diversas práticas” e “modos de ensinar” que favorecem o processo de alfabetização. Frade (2005) também menciona que há o método sintético e o analítico, esclarecendo que já no alfabético se terá a “letra” como foco central; no método fônico será o fonema (som); e no método silábico tem-se a “sílabas” como o centro do processo.

Todas essas discussões acabam influenciando o modo de agir dos docentes (principalmente dos anos iniciais, mas repercutindo também na Educação Infantil) sobre o que significa alfabetizar e ensinar, criando vários questionamentos no fazer pedagógico da sala de aula.

E, apesar desse letramento mencionando anteriormente, ainda hoje a grande preocupação do ambiente escolar está embasada no ensino da “língua padrão”, ou da “norma culta”, que se torna o foco da aprendizagem, desconsiderando tudo aquilo que foge à essa regra preestabelecida.

Na abordagem da leitura e da produção de textos escritos, são priorizados o trabalho temático e estrutural ou formal, ficando as abordagens discursivas ou a réplica ativa em segundo plano. A prioridade para a norma e a forma também é vista nos trabalhos de reflexão sobre a língua padrão, nunca explorando diferentes variedades sociais ou geográficas da língua efetivamente em uso (ROJO, 2016, p. 16).

Desse modo, a linguagem “real” das práticas sociais não será a mesma para todos, o que influencia o processo de alfabetização. Experiências diversas estarão presentes na vida dos alunos e esta relação com o ambiente “escrito”, de certo modo, acaba sendo mais acessível para as famílias que “falam a linguagem da instituição”, ou aqueles que são “os privilegiados financeiramente”.

Foram as escolas fundadas na Europa no século 12. Isso se considerarmos o modelo de escola que temos hoje, com professor e crianças como alunos. Na Grécia antiga as crianças eram educadas, mas de modo informal, sem divisão em séries nem salas de aula. Já na Europa medieval o conhecimento ficava restrito aos membros da Igreja e a poucos nobres adultos (FUJITA, 2018, s/p.).

Ou seja, a escola, desde a sua “invenção”, nunca esteve voltada para atender a todos, restringindo-se a um determinado público, havendo vários “modelos” de instituição escolar onde cada um atendeu a um determinado contexto histórico. E esses modelos acabam se reestruturando, e atualmente, vê-se uma discussão muito acirrada - entre o atual governo federal e os que defendem o letramento, como Magda Soares - sobre qual método deveria ser utilizado para alfabetizar. No entanto, mudam-se os governos, mudam-se as concepções; mas os desafios continuam.

## 1.2 Analfabetismo no Brasil

Mesmo diante de tantas discussões sobre o processo de alfabetização, até mesmo a partir da intenção de uma escola democrática, no fundo ela sempre apresentou em sua constituição um processo excludente.

E, até hoje, pode-se questionar se o ambiente escolar ainda não continua com essa perspectiva, pois poucos eram aqueles que conseguiam “passar de ano”, outros precisavam largá-la para “sobreviver”, uma vez que ter um emprego era uma questão de necessidade.

A palavra “escola” vem do grego *scholé*, que significa, acredite se quiser, “lugar do ócio”. Isso porque as pessoas iam à escola em seu tempo livre, para refletir. Vários centros de ensino pipocaram pela Grécia, por iniciativa de diferentes filósofos. As escolas geralmente eram levadas adiante pelos discípulos do filósofo-fundador e cada uma valorizava uma área do conhecimento (FUJITA, 2018, s/p.).

Nesse sentido, era necessário “ter tempo” para se dedicar aos estudos e, de certa maneira, até hoje é assim. A instituição escolar funciona como um instrumento de interesses de acordo com o contexto social. No entanto, não se pode deixar de destacar que “esse contato” escolar, principalmente para certas camadas populares, facilitará muito o processo de “desenvolvimento” destes alunos, sendo que, para muitos, a escola será a única oportunidade para que isso aconteça.

Tudo isso acaba refletindo no processo de alfabetização e, quando ele não ocorre adequadamente, no analfabetismo funcional<sup>6</sup>. Segundo dados do INAF (INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL) de 2018 houve um lento crescimento como também uma

---

<sup>6</sup> Os Analfabetos Funcionais – equivalentes, em 2018, a cerca de 3 em cada 10 brasileiros – têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas. (INAF, 2018, p. 08).

pequena estagnação, a partir de 2009, do crescimento da população que seria considerada alfabetizada.

No estudo de 2001-2002, 61% dos entrevistados foram considerados Funcionalmente Alfabetizados; em 2007, 66%; e, nos três estudos realizados entre 2009 e 2015, o percentual de Funcionalmente Alfabetizados ficou estável em 73% para, em 2018, apresentar uma pequena oscilação negativa. Em síntese, apenas 7 entre 10 brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos podem ser considerados Funcionalmente Alfabetizados conforme a metodologia. (INAF, 2018, p. 09).

Ou seja, ainda temos analfabetos em nosso país, como se pode perceber através da tabela. Sabe-se que um dos maiores desafios da educação, nos anos iniciais, é o processo de alfabetização. Em pleno século XXI, seja no Brasil ou no mundo, ainda se vê as tristes taxas de analfabetismo.

Na tentativa de se reverter este quadro, mudanças também são feitas nas leis que interferirão diretamente no “quando” se alfabetiza, trazendo algumas problematizações. Ainda mais quando se estipula um prazo para que essa alfabetização aconteça: “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever” (BRASIL, 2017).

Ou seja, agora o MEC estipula que a alfabetização aconteça até o 2º ano do Ensino Fundamental. A questão é que, anteriormente, nem no 3º ano esse fato ocorria; colocando-se “mais pressão” em cima do “professor alfabetizador”, pois muito se fala (ainda mais agora com a nova regulamentação) que os professores precisam diversificar suas metodologias, propondo aulas que sejam estimulantes e respaldadas na “realidade do aluno”.

Diante disso, por que não utilizar o celular para auxiliar no processo de alfabetização dos alunos nos anos iniciais? Por que não aproveitar esse recurso que, de certa forma, já faz parte da realidade dos alunos?

Falar de educação no século XXI pressupõe considerar as mudanças da sociedade ao longo da história. As formas de se relacionar entre as pessoas já não são as mesmas de quando a escola surgiu, há mais de dois mil anos. Não há como pensar em sociedade contemporânea sem considerar a presença da mídia, que está, hoje, em todos os lugares, como também na escola. (BACCO, 2018, p. 11).

As mídias já fazem parte do contexto contemporâneo. No caso, o celular possui vários recursos que podem ser aproveitados no ambiente escolar. E, já que é possível ter várias opções em um único aparelho, literalmente na “palma da mão”, porque não o utilizar na escola?

## 2 O CELULAR E A ESCOLA

Neste capítulo, destaca-se como foi o surgimento do celular no Brasil; o que algumas legislações dizem a respeito desta tecnologia e, mais especificamente, do celular na educação; os recursos que podem ser encontrados nestes aparelhos; a sua presença no contexto mundial; e os interesses que se encontram por trás da sua utilização.

### 2.1 O surgimento dos aparelhos celulares no Brasil

É difícil até de imaginar, mas já houve um tempo em que o celular não existia! Essa novidade, segundo SANCHES (2011), demorou mais de 50 anos para chegar nas mãos dos usuários, já que “a tecnologia necessária para desenvolver o primeiro celular propriamente dito foi criada em 16 de outubro de 1956, e o telefone móvel<sup>7</sup> com essa tecnologia em 3 de abril de 1973, mas muita coisa aconteceu antes desse lançamento”. (SANCHES, 2011, s/p.).

26 anos depois, em 1940, foi criado um sistema de comunicação à distância que possibilitava a mudança de canais de frequência, evitando, assim, que houvessem interceptações no sinal. Sete anos depois a empresa de tecnologia norte-americana Bell, que hoje faz parte da AT&T, se utilizou dessa tecnologia para desenvolver um sistema telefônico interligado por várias antenas, batizadas de "células", o que gerou o nome do aparelho (SANCHES, 2011, s/p.).

Desse modo, houve todo um processo de aprimoramento para que o celular, que vem do termo “célula”, pudesse ser utilizado como é conhecido atualmente. Mas tudo começou em 1990, quando o celular, ou melhor, o *smartphone*, foi lançado aqui no Brasil, primeiramente no Rio de Janeiro e depois em São Paulo.

Atualmente não se fala muito em celular, porque o assunto da vez são os *Smartphones*. O termo *smartphone* foi adotado devido à utilização de um sistema operacional nos celulares. Claro que essa capacidade está restrita a um pequeno número de aparelhos, porém, a tendência é que cada vez mais as fabricantes invistam na criação deste tipo de celular (JORDÃO, 2009, s/p.).

---

<sup>7</sup> As pessoas podem levar com elas as suas tecnologias comunicacionais. (GOMES, 2016, P. 26).

Ou seja, teremos aparelhos cada vez mais “sofisticados” e com diferentes sistemas operacionais, a depender do fabricante, proporcionando uma série de recursos aos usuários; mas envoltos em leis e projetos que “proíbem” a sua utilização em determinados espaços.

## 2.2 As legislações sobre o celular

Tanto no mundo quanto no Brasil, várias são as leis e projetos que mencionam a “proibição” do uso do celular em certos estabelecimentos. Isso dependerá da regulamentação de cada Estado, porém, no ambiente escolar algumas permissões são feitas desde que o uso tenha “fins pedagógicos”.

Diante disso, cada Estado passa a apresentar uma legislação sobre o assunto, mas há um projeto de lei da Câmara dos Deputados, de âmbito nacional, que segundo a Revista Nova Escola (2015) prevê a proibição do uso de celulares para todas as instituições escolares, e em todo o país:

Uma proposta de lei em análise na Câmara dos Deputados reacendeu a discussão sobre o uso de celular em sala de aula. O PL 104/15 proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis, como celulares e *tablets*, nas salas de aula da Educação Básica e Superior de todo o país (REVISTA NOVA ESCOLA, 2015, s/p.).

Essa proposta de lei vai proibir o uso do celular na sala de aula e, segundo a revista, menciona também que essa proibição deverá ser feita para evitar um “desvio de atenção do aluno” e só será permitida para um fim pedagógico e devidamente autorizado pelo professor.

No entanto, há, inclusive mundialmente, muitas discussões sobre o uso do celular. O que se vê é a instituição escolar indo na contramão da tecnologia, em vez de “preparar os alunos” para lidarem com esse ambiente digital.

É como se a escola se “isolasse”, afastando-se dessa realidade. Porém, muitas instituições são a favor do uso do celular no ambiente escolar como a UNESCO, que irá mencionar os benefícios “dessa aprendizagem móvel”.

A UNESCO acredita que as tecnologias móveis podem ampliar e enriquecer oportunidades educacionais para estudantes em diversos ambientes. Atualmente, um volume crescente de evidências sugere que os aparelhos móveis, presentes em todos os lugares – especialmente telefones celulares e, mais recentemente, *tablets* – são utilizados por alunos e educadores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras novas e inovadoras (UNESCO, 2014).

Ou seja, a UNESCO (2014) menciona que a tecnologia móvel facilita a aprendizagem, possibilita o acesso às informações e simplifica questões administrativas. Segundo a

UNESCO (2014), essa aprendizagem é individualizada, a qualquer hora e em qualquer lugar. A UNESCO (2014) também cita que na forma de avaliação haverá benefícios: testes *on-line*, correção de questões através de vídeos e economia de papel. O tempo também será mais produtivo em sala (“assistir em casa”) e discussões/interpretações na escola. Um outro aspecto, segundo a UNESCO (2014), é a criação de comunidades de estudantes, formação de plataformas profissionais, passeios virtuais, acessar informações através de “nuvem”, obter materiais suplementares, conversar com pessoas de outras línguas, utilizar tradutores; propiciar aprendizagem em situações de desastres ou conflitos; conectar-se com outros estudantes ou professores, mesmo que a escola esteja fechada; auxiliar estudantes com deficiência; melhorar a comunicação até mesmo no ambiente escolar (mensagens); e também diminuir os gastos com “livros didáticos” através dos “livros digitais”.

Já no nível das legislações, uma das defesas com relação à tecnologia será realizada pela BNCC que a coloca como uma competência que deve estar presente em todo o currículo da escola e ser vista como uma proposta de ensino.

A BNCC reconhece os benefícios que a cultura digital tem promovido nas esferas sociais. O avanço tecnológico e a multiplicação de celulares, smartphones e computadores estão diretamente ligados ao hábito de consumo dos jovens. Diante dessas interações multimidiáticas e multimodais, a proposta da Base é trabalhar com uma intervenção social que contextualize o uso da tecnologia ao currículo aplicado, desenvolvendo essa que é uma das dez competências gerais citadas pelo documento (DUTRA, 2018, s/p.).

Sendo uma das dez competências previstas na BNCC, é necessário que o professor saiba se apropriar desse viés tecnológico. Existe uma lei no estado de Minas Gerais que proíbe o uso do celular em várias instituições, porém, no caso do ambiente escolar, será permitido a sua utilização, desde que se tenha um fim pedagógico.

Art. 1º É vedada a conversação em telefone celular e o uso de dispositivo sonoro do aparelho em teatros, cinemas, igrejas, salas de aula, bibliotecas e demais espaços destinados ao estudo.

§ 1º Em salas de aula, bibliotecas e demais espaços destinados ao estudo, é vedado também o uso de outros aparelhos eletrônicos que possam prejudicar a concentração de alunos e professores, salvo em atividades com fins pedagógicos” (MINAS GERAIS, 2018).

Desse modo, o estado de Minas Gerais possui uma legislação que disciplina o uso do celular, que é a Lei 23.013, de 21 de junho de 2018, supracitada. E na escola deverá ter uma finalidade pedagógica, o que dependerá da proposta docente, que se tenha um planejamento e

um objetivo para utilização dessa ferramenta, sabendo, primeiramente, quais são os recursos presentes nesse instrumento.

### 2.3 As potencialidades do celular

Estamos vivendo em um contexto em que a presença do celular é inevitável! Segundo Haidar (2016), com ele se pode fazer e receber chamadas (vendo quem está do outro lado), enviar “serviço de mensagens curtas” (SMS), ouvir músicas, tirar fotos, acessar televisores (TVs), jogos, redes sociais, agendas, calculadoras, editores de textos, realizar compras e vendas pela rede internacional (INTERNET), acompanhar e realizar questões bancárias, ler um livro, estudar, ver a previsão do tempo, ou seja, obter informações sobre qualquer assunto e conhecer lugares virtualmente... Haidar (2016) menciona também que diversas situações podem acontecer, pois tudo dependerá do tipo de aparelho, dos aplicativos e do interesse do usuário; como, por exemplo, retirar dinheiro em caixas eletrônicos, controlar a televisão (TV) ou computador como se fosse um controle remoto, medir distâncias ou nível de superfície, medir velocidade, monitorar a saúde, as atividades físicas e o deslocamento ao longo do dia, prever terremotos, “fazer a guerra”, diagnosticar doenças, “medir a fome na África”, além de poder ser usado até como “vibrador erótico”; além de avisar ao próprio usuário quando ele está muito tempo na internet...

Diante de tantas possibilidades, é preciso pensar no que ele pode oferecer de melhor, o que, no caso dessa pesquisa, pode favorecer o processo de aprendizagem e, de certo modo, aproximar a escola da realidade. Dessa maneira, aulas mais interessantes podem ser promovidas, o que favorecerá a curiosidade do aluno e, principalmente, o ajudarão a “saber pensar”, ou seja, é necessário utilizá-lo de maneira adequada, pois vivemos em um contexto em que há muitas informações e elas se encontram na literalmente na “palma da mão”, sendo facilmente acessível, pois segundo Semis (2018) é o “decorar” que faz os alunos esquecerem o que era proposto, já que “toda essa – e qualquer outra – informação está disponível a um clique de distância em seus celulares, *tablets* e computadores” (SEMIS, 2018, s/p.).

Nesse cenário de grandes mudanças, as chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), mais do que qualquer outro fator, tem provocado uma verdadeira metamorfose na nossa maneira de trabalhar e viver. O acesso aos telefones celulares, antenas parabólicas, DVD e, sobretudo ao espaço cibernético, cada vez mais omnipresentes, permite de forma inédita, o livre trânsito instantâneo de informações (BOAVENTURA e PÉRISSE, 1999, p. 84).

As novas tecnologias vêm possibilitar o acesso às informações, além de influenciar o próprio modo de vida das pessoas, a sua cultura, o seu modo de “ver o mundo” e de se relacionar com ele.

No entanto, considerar a tecnologia digital, desde a alfabetização, exige que incorporemos esta cultura nos materiais e nas práticas cotidianas com crianças, seja produzindo registros imagéticos e verbais, seja usando jogos para aprender, seja lendo e escrevendo em dispositivos digitais, como teclado de grandes computadores ou de um celular. Implica, além de tudo, saber que crianças que já nasceram inseridas nessa cultura passam a pensar e agir com esses dispositivos, quer a escola queira ou não. (RIBEIRO, 2014, s/p.).

Ou seja, há várias possibilidades que essa tecnologia pode proporcionar ao ambiente escolar, e, além disso, é preciso considerar o fato de que essas crianças já nasceram neste ambiente digital. Já pensando neste grande desafio que é alfabetizar e em como fazê-lo de maneira estimulante, pretende-se investigar se o celular (*smartphones*) pode contribuir para a alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O celular continua a ser o principal aparelho para acessar a internet no Brasil. Em 2016, o eletrônico era usado por 94,6% dos internautas, à frente de computadores (63,7%), *tablets* (16,4%) e televisões (11,3%). Segundo o IBGE, 77,1% dos brasileiros possuíam algum celular (GOMES, 2018, s/p.).

Nesse contexto, é preciso sempre inovar, buscar novos caminhos, já que, segundo Moran (2008), o professor não é mais um mero “transmissor de conhecimentos”, pois, na verdade, esse conhecimento está em constante processo de mudança; e pode ser acessado por vários meios rapidamente, além de que, segundo o autor, jamais conseguiremos ter o conhecimento sobre tudo, sendo preciso fazer com que o aluno seja capaz de sempre estar aprendendo, de buscar esse conhecimento, como também de o construir e aplicar.

O advento da economia globalizada<sup>8</sup> e a forte influência dos avanços dos meios de comunicação e dos recursos de informática aliados à mudança de paradigma da ciência não comportam um ensino nas universidades que se caracterize por uma prática conservadora, repetitiva e acrítica (MORAN, 2008, p. 69).

Assim, é preciso estar sempre em processo de aprendizado, e isso é válido também para o professor, pois, para Moran (2008, p. 71), não se trata de formar um aluno para atender a

---

<sup>8</sup> Em um mundo globalizado, os fluxos de troca de produtos, de consumo e do capital não respeitam fronteiras nacionais; articulam-se, nem sempre de maneira tranquila, com culturas locais, criam novos hábitos e impõem uma lógica de racionalidade ocidental a todos os pontos em que for possível chegar. (MARTINO, 2015, p. 102).

uma “lógica de mercado”; mas que além de tudo seja um cidadão, “crítico, autônomo e criativo, que saiba solucionar problemas e que com iniciativa própria saiba questionar e transformar a sociedade”.

O celular apresenta uma série de possibilidades tanto para o uso particular quanto para a questão educacional (*softwares*, jogos educativos, blogs e recursos de comunicação que podem aproximar aluno e família).

As tecnologias das comunicações conjugadas com a informática e a biotecnologia, no campo da engenharia genética, tem alimentado a abertura de novos mercados. A Internet, os telefones móveis e as redes de satélites são responsáveis pelo encolhimento do tempo e do espaço (OLIVEIRA, 2004, p. 98).

Isso significa que a rapidez e a possibilidade de contar com uma gama de informações é formidável! Sem falar de se ter internet (em tempo real) relacionada ao que é proposto a ensinar, naquele momento.

O uso da Internet com critério pode tornar-se um instrumento significativo para o processo educativo em seu conjunto. Ela possibilita o uso de textos, sons, imagens e vídeo que subsidiam a produção do conhecimento. Além disso, a Internet propicia a criação de ambientes ricos, motivadores, interativos, colaborativos e cooperativos (MORAN, 2008, p. 99).

Desse modo, temos um excelente aliado para proporcionar aprendizagem, no caso da pesquisa, alfabetização através de vídeos que já estão postados na internet, em sua maioria através do *youtube* e jogos.

Há mais tempo, a alfabetização se resumia a colorir letras em uma folha de papel e repetir tanto o alfabeto como os números em cadernos de caligrafia. Mas os tempos mudaram, assim como as necessidades das crianças. E enquanto uns acreditam que os smartphones e *tablets* chegaram simplesmente para servir de distração, outros tantos os entendem como importantes aliados na alfabetização infantil. E o melhor de tudo é que muitos dos aplicativos que podem ser instalados nesses equipamentos são gratuitos ou de baixo custo, sabia? (BLOG ALUNOS NOVOS, 2016).

Assim, a maneira do acesso pode ser diversa; mas é preciso aproveitá-lo na educação. Os discentes param e prestam atenção às aulas, pois as imagens/sons/fala e escrita combinados chamam a atenção deles.

Torna-se importante considerar que esses recursos informatizados estão disponíveis, mas dependem de projetos educativos que levem à aprendizagem e que possibilitem o desenvolvimento do espírito crítico e de atividades criativas. O recurso por si só não garante a inovação, mas depende de um projeto bem arquitetado, alimentado pelos professores e alunos que são usuários (MORAN, 2008, p. 99).

Desse modo, tudo dependerá da postura de cada docente e de procurar conhecer sobre o instrumento para saber utilizá-lo. No entanto, não é muito comum ver um celular sendo utilizado com uma proposta pedagógica dentro da sala de aula, principalmente nos anos iniciais. E, principalmente, o recurso tecnológico torna-se apenas uma “ferramenta auxiliar” e terá uma tarefa de acordo com que foi planejado pelo professor, que especificará o que será ensinado, com qual objetivo, para quais alunos (de acordo com a turma), com qual regularidade, de que maneira e, principalmente, como avaliar/reavaliar todo o processo. Ter a presença de um recurso tecnológico (isso quando tem) não garante que a aprendizagem seja alcançada.

A importância que a televisão, o vídeo, a informática e suas diversas combinações têm para a educação é que elas promovem uma nova configuração do saber o que implica em: 1. Poder/saber acessar a informação; 2. Selecionar a informação; 3. Poder/ saber usar/ reciclar a informação (DAYRELL, 2006, p. 75).

Diante disso, a tecnologia pela tecnologia, por si só, não é suficiente, pois é necessário saber aplicá-la adequadamente; envolvendo todo um processo que passa pela formação e atitude do professor em lidar com esse novo contexto, já que estamos inseridos na chamada “Revolução Digital”:

A Revolução Digital produz outra transformação de envergadura: muda o pensamento cartesiano, seu modo de refletir e de ordenar o mundo, e faz com que se passe para um pensamento que opera com base na simultaneidade. O movimento vai da linearidade e da obediência à cronologia para a montagem vertiginosa de imagens trazidas pela videoarte e pela computação gráfica. Tal movimento desemboca numa conexão criativa e em tempo real entre emissores e receptores (SROUR, 1998, p. 24).

Sendo assim, tudo é uma questão de “pensar” dentro dessa nova realidade, sendo imprescindível lidar com essa situação e planejar alcançar determinado objetivo

## **2.4 As tecnologias e o ambiente escolar**

As mídias já fazem parte do contexto contemporâneo e estão presentes nas relações sociais. No caso, o celular possui vários recursos que também podem ser aproveitados no ambiente escolar.

E, Moran (2017, s/p.) afirma que necessitamos de “tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora” e “as tecnologias mais interessantes estão hoje integradas nos *smartphones*, celulares conectados à internet.” Segundo o autor, através do celular, o professor pode acessar notícias de jornais e revistas para discutir um assunto; usar diversos aplicativos como os de mapas; utilizar recursos múltiplos como cronometrar, tirar fotos, usar

calculadora, dicionário, gravador, tradutor, calendário, escâner; mostrar vídeos e músicas diversos; obter informações sobre qualquer assunto que for ensinado em sala; divulgar os trabalhos que estão sendo desenvolvidos tanto para a família como no ambiente escolar; comunicar-se diretamente com os responsáveis e estes com o professor, por meio de *WhatsApp* (aplicativo de mensagens instantâneas); e dessa forma ampliar as relações entre escola/família; etc.; tornando as aulas mais reais e animadas.

É preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas. Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Hoje é preciso tratar da hipertextualidade e das relações entre diversas linguagens que compõem um texto, o que salienta a relevância de compreender os textos da hipermídia. (ROJO, 2016, p. 7-8).

Não há como negar que o contexto “da modernidade” se atrela a essas dimensões tecnológicas e a escola deveria estar “conectada” a esse novo ambiente e deveria saber lidar com essas várias formas de linguagens, as quais apresentarão textos em várias modalidades, o que ROJO (2016) destaca como os baseados na escrita, em áudios, em *designs*, em fotos, em vídeos e em redes sociais.

O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita precisam levar em conta, atualmente, a variedade dos modos de comunicação existentes, o que chamamos de multimodalidade. Nessa nova perspectiva, que se opõe às abordagens educacionais ocidentais mais tradicionais, devem-se considerar os modos de comunicação linguísticos – a escrita e a oralidade –, visuais – imagens, fotografias –, ou gestuais – apontar o dedo, balançar a cabeça negativa ou afirmativamente, por exemplo. Essa diversidade de modos de comunicação foi incorporada tanto pelos meios de comunicação mais tradicionais, como livros e jornais, quanto pelos mais modernos, como computadores, celulares, televisão, entre outros (STREET, 2014, s/p.).

aber lidar com essa “multimodalidade” é fundamental para que tenhamos aulas com mais “sentido” e significado para os alunos, fazendo com que a escola não esteja “alheia” ao que acontece ao seu redor, e sim permeada por uma realidade, o que Moran (2008) denomina de comunicação “*linkada*”, que “vai se ramificando em diversas trilhas possíveis”, ainda mais quando se tem os nativos digitais, como alunos de uma escola que ainda não vivencia esse processo tecnológico.

As conexões são tantas que o mais importante é a visão ou leitura em *flash*, no conjunto, uma leitura rápida para o todo, e que vai se completando com as próximas

telas, através do fio condutor da narrativa subjetiva: dos interesses de cada um, das suas formas de perceber, sentir e relacionar-se (MORAN, 2008, p. 19).

Só que essas várias “conexões” normalmente não fazem parte da realidade escolar, muito menos da vivência dos alunos de uma forma em geral. Quando se fala em termos de tecnologia e se pensa em computadores, por exemplo, não é comum encontrar laboratórios de informática no ambiente escolar; e, quando tem, menos ainda são aqueles que funcionam; ou que tenham acesso à internet. Desse modo, esbarra-se na “materialidade”, que é um fato primordial discutido nas escolas quando o assunto é tecnologia.

A introdução da Tecnologia nas salas de aula, como recurso de mediação entre a aprendizagem e o objeto de conhecimento, não é recente. Da mesma forma, o preconceito e a resistência de muitos professores em relação a essa introdução também não é. Muitas vezes, a censura a essa utilização vem acompanhada de um discurso acrítico e sem fundamentos, pois muitos professores ainda relacionam as tecnologias na sala de aula à abordagem pedagógica tecnicista (TAVARES e ABRANCHES, 2012, p. 95).

É como se a tecnologia se distanciasse das relações humanas, de um contato mais próximo, principalmente quando se fala em educação, como se bastasse apenas reproduzir “algo” sem diálogo ou qualquer tipo de discussão. Vários outros motivos podem estar atrelados a essa atitude de “distanciamento”, desde a materialidade como a falta de formação do professor. No entanto, não basta colocar as ferramentas digitais dentro do ambiente escolar, como se fossem suficientes para influenciar a prática pedagógica docente.

Isso significa que colocar novas ferramentas dentro da sala de aula para o professor trabalhar do jeito que quiser não é dar autonomia, é criar um novo problema. Quem dever escolher e avaliar o meio para ensinar é o docente. O investimento final em tecnologia é um desperdício por si só, pois ela não media relações, é somente um meio para a mediação docente que, se bem conhecido e administrado, oferece contribuições sem fim, como giz e a lousa em outro momento da história (BACCO, 2018, p.12).

Como diz Bacco (2018), é preciso “problematizar” essa tecnologia, refletir sobre a melhor maneira de usá-la. Para isso, não basta uma formação continuada que fique restrita à teoria. O professor precisa participar do processo para se envolver na temática em questão.

Mas ninguém muda diante do olhar diferente do outro. É preciso aprimorar o foco do próprio olhar, afinal, quem tem o poder de mudar o ângulo da própria visão é o sujeito em si. A formação do professor deve partir de um projeto elaborado por ele mesmo, e a autonomia docente é uma conquista, que pode ser trabalhada em processos formativos (BACCO, 2018, p. 12).

Desse modo, para o autor, é preciso “dar voz ao professor”, contar nas formações com a efetiva “participação docente”, apesar das legislações sobre o assunto.

No Brasil, embora exista investimento recente para inserir tecnologia na escola, com o alicerce de discurso salvacionista que vai resolver o problema da educação, as políticas públicas são falhas, pois não tratam a formação docente como prioridade. Na Lei de Diretrizes e Bases, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia e no Plano Nacional de Educação, há menção à política de mídia-educação, mas não propostas concretas para que a área seja tratada como uma disciplina (BACCO, 2018, p. 26).

Tudo isso dificulta e permeia todo um pensamento que favorece a “não presença” da tecnologia no ambiente escolar. Até mesmo questões culturais, cujo discursos influenciam todo um processo, e são destacados por Bacco (2018) em três correntes teóricas que foram se propagando sobre as mídias e o ambiente escolar. Segundo Bacco (2018) o primeiro paradigma foi a partir da década de 30, quando se sustentava uma “visão protecionista da criança: proteger as crianças dos nocivos meios, mantendo os produtos midiáticos fora do ambiente escolar”. O autor salienta também que, após três décadas, “são apresentados produtos midiáticos da cultura popular, visando ao estabelecimento de senso crítico a partir da mídia como referência de qualidade”. Já na década de 70, diante do paradigma influenciado pelo marxismo, “a escola deveria (...) desvendar os objetivos ideológicos e mercadológicos das classes dominantes presentes no processo de produção das mídias voltadas para a massa” (2018, p. 43), e finaliza destacando que o “paradigma vigente – a partir dos anos 2000 (...) assume a postura de preparação para convivência e sobrevivência em um tempo da cultura midiática” (2018, p. 43).

Diante de tudo isso, a presença do celular ainda não é tão comum nos ambientes educacionais, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e, segundo Marina Lopes do Porvir e Vinícius de Oliveira do Porvir (2018), grande parte por causa da “conectividade” e dessa “cultura escolar”. “Apesar do uso de internet estar presente na vida crianças e adolescentes, a 8ª edição da pesquisa TIC Educação mostra que apenas 7% dos alunos têm permissão para se conectar pelo celular em sala de aula”. (PORVIR e PORVIR 2018).

Desse modo, tanto a questão da estrutura e materialidade, de correntes teóricas e até mesmo de legislações específicas influenciam nesta certa “ausência” do celular no ambiente escolar. Mas, segundo os autores supramencionados, já a utilização do aparelho pelo professor é quase unanimidade, servindo como apoio para o planejamento das aulas:

Entre os professores, o acesso à internet pelo celular é quase universalizado. Mais da metade deles afirmam que usaram o dispositivo para realizar atividades escolares: 69% nas escolas particulares e 53% nas escolas públicas (PORVIR e PORVIR, 2018).

Quando o professor utiliza essa tecnologia para auxiliá-lo na organização dessas aulas, vê-se o quanto o instrumento pode beneficiar tanto o aluno quanto o docente; trazendo mais informações sobre o assunto ou estimulando os discentes sobre algum aspecto da aula proposta. Tudo dependerá de como o professor utilizará essa ferramenta.

Uma das novidades no questionário de 2017, o item que trata de atividades realizadas por professores sobre criação de projetos e interação com os alunos demonstra que as escolas ainda estão no estágio de troca de informações e de comunicação, com predomínio de momentos para tirar dúvidas (66%), envio de conteúdo para os alunos (61%), recebimento de trabalhos (53%). Em contraposição, atividades que demandam produção e autoria, como criação de blogs ou de jogos com os alunos, registram índices baixos, 5% e 4%, respectivamente (PORVIR e PORVIR, 2018, s/p.).

Dessa maneira, temos um assunto polêmico ao se utilizar o celular, e mesmo quando ele é usado no ambiente escolar, aparece ainda sendo pouco aproveitado. O que se vê são discordâncias sobre a utilização do instrumento, o que decorre, em grande parte, por não saber utilizá-lo.

O ponto de equilíbrio está em viabilizar iniciativas que integrem habilidades técnicas, para operar as ferramentas, e também culturais, para analisar, compreender, valorizar, criticar e usar as novas e velhas mídias - integrando-as às perspectivas sociais, políticas, culturais e econômicas das sociedades contemporâneas (SIQUEIRA E CANELA, 2012, p. 20).

Nesse viés, possibilitar toda essa estrutura torna-se imprescindível para que o docente reflita sobre a utilização dessas mídias no ambiente escolar, colaborando para todo um planejamento que poderá estimular o aluno com relação à aprendizagem; mas tendo ciência também das questões políticas, sociais e econômicas que envolvem o assunto.

## **2.5 Os interesses por trás do celular**

Muitas “evoluções” aconteceram para que surgissem aparelhos tão leves e pequenos como os de hoje. E não se deve esquecer de que por trás disso há toda uma questão de “mercado” cuja intenção é o consumismo, trazendo a ideia de “status” para o possuidor do “melhor” aparelho. E o que se vê atualmente é a busca crescente por aparelhos cada vez mais velozes, práticos e que possibilitem uma série de recursos ao consumidor, desde a sua origem.

Apesar das várias tecnologias presentes no mercado, Santaella (2007) denomina os dispositivos móveis, neste caso o celular, como uma tecnologia “emergente”, já que se encontra em destaque, no atual momento histórico; e que de certa forma altera “funções sociais” provocadas pelas tecnologias precedentes; como exemplo o telégrafo, o rádio ou a televisão.

Nenhuma formação cultural até hoje conseguiu levar as formações culturais anteriores ao desaparecimento. Ecologias midiáticas são intrinsecamente enredadas porque novas mídias são introduzidas em uma paisagem humana já povoada por mídias precedentes. Longe de levar as anteriores ao desaparecimento, a mídia emergente vai se espremendo entre as outras e gradativamente encontrando seus direitos de existência ao provocar uma refuncionalização nos papéis desempenhados pelas anteriores. É justamente isso que tem ocorrido com os dispositivos móveis, cuja velocidade de absorção e domesticação vem se dando em progressão geométrica espantosa (SANTAELLA, 2010, p. 21).

Ou seja, isso não quer dizer que deva existir a eliminação de uma tecnologia pela outra, mas sim uma complementariedade, não um somatório, destacando que cada forma de aprendizagem mediada ou não pela tecnologia apresenta potencialidades e limites. Santaella (2007) explica também que normalmente essas novas mídias (emergentes), inicialmente, são recebidas com “estranhamento” até com um certo temor, mas que depois introduzem mudanças “sensíveis”, culturais, e desse modo alteram práticas de comunicação, convivência e interação entre as pessoas.

Já Toshi e Neiva (2014) fazem todo um levantamento sobre as pesquisas relativas aos “dispositivos móveis” e concluem que até 2006 havia poucos estudos sobre o tema, já que esses dispositivos não eram tão populares, por terem altos custos; além de aparecerem leis que proibiam o uso do celular a partir de 2007, como, por exemplo, em São Paulo. Mas, essa realidade começa a mudar, e interesse vão surgindo para que ele seja utilizado.

Percebe-se que a educação é o caminho fundamental para transformar a sociedade. Isso abre um mercado gigantesco que está atraindo grandes grupos econômicos dispostos a ganhar dinheiro, a investir nesse novo nicho e que importam os processos de reorganização e gestão trazidos das empresas (MORAN, 2010, p. 11-12).

Fica claro, portanto, que este é um mercado com grande potencial que pode ser absorvido pela tecnologia, o que envolve desde vídeos e *softwares* educacionais; banda larga de internet, como equipamentos físicos; e, porque não, o próprio celular. E, desse modo, um outro fato importante, destacado pelas autoras Toshi e Neiva (2014), é como empresas de telefonia e eletroeletrônicos portáteis agem cada vez mais intensamente nessa área influenciando as políticas públicas escolares.

A referência a essas instituições privadas faz-se necessário para registrar o conhecimento de um movimento de mercado, tanto por parte das empresas de telefonia quanto dos fabricantes dos diversos aparelhos eletroeletrônicos e das empresas de softwares e hardwares computacionais que “influenciam” (na falta de uma palavra melhor) políticas educacionais e geram um movimento que propaga o discurso de que a qualidade da escola pública passa também pela posse e incorporação das TIC no ambiente formal da educação (TOSHI e NEIVA, 2014, p. 40).

É válido ressaltar que, obviamente, há interesses por trás desse discurso de que a tecnologia é necessária para a obtenção de uma suposta qualidade na educação. Segundo Toshi e Neiva (2017), o “capitalismo informacional” impacta a educação. Elas também comentam sobre a distância entre as “políticas” e as “legislações educacionais”:

Ainda há de se ponderar sobre a distância considerável entre as políticas e as legislações educacionais. Enquanto o MEC distribui *tablets* aos professores de Ensino Médio, deputados criaram projeto de lei que versa sobre a proibição do uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de educação básica e superior. Uma distribui *tablets*, e outra os proibiu (TOSHI e NEIVA, 2014, p. 41).

Percebe-se que se trata de processos complexos e de intenções políticas e econômicas que afetam o funcionamento da escola e, de certa forma, das próprias pessoas que são consumidoras, e estão dentro da escola, segundo Toshi e Neiva (2014). Para as autoras então resta “subverter os caminhos traçados” através das “apropriações diferenciadas que fazem, neste caso, dos usos escondidos do celular na escola”.

É preciso respeitar e o respeito não está digitalizado. Por isso, é urgente que cada utilizador disponha dessa cultura e faça um uso racional do dispositivo aproveitando as potencialidades que dispõe. [...] O que se nota no seio da escola e na sociedade em geral, é uma falta de hábitos sãos no uso desses aparelhos, quer por parte dos alunos, que não respeitam o clima de atenção dos colegas, quer dos pais que telefonam aos filhos em horário escolar por futilidades (MOURA, 2009, s/p.).

Diante disso, é preciso saber como utilizar o celular, aproveitando o que ele tem de melhor (indo além da questão apenas telefônica), principalmente a serviço da escola. Mas, segundo Moran (2008, p. 139), “não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional no Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos alunos.” Ou seja, pode se tornar um instrumento de ajuda, colaboração, de auxílio, mas que vai depender da forma como essa tecnologia será utilizada, e com qual propósito.

Com o desenvolvimento das novas mídias e tecnologias, os gêneros se transformaram em entidades multimodais, isto é, utilizam-se de diversas modalidades de linguagem – fala, escrita, imagens (estáticas e em movimento), grafismos, gestos e movimentos corporais – de maneira integrada e em diálogo entre si, para compor os textos. Basta ver uma propaganda televisiva ou um videoclipe na internet, para compor este fenômeno (ROJO, 2006, p. 45).

Esse conjunto de linguagens chama a atenção dos alunos e faz parte da realidade deles, pois já nasceram nessa era digital, estando familiarizados com esses recursos. Muitas vezes, são os próprios alunos, ou seja, os filhos, que auxiliam os pais/responsáveis no ambiente familiar, em relação à utilização dos equipamentos digitais, como celulares e computadores, como até mesmo os professores na sala de aula.

## **2.6 As críticas em relação ao celular**

Quando se fala em celular, pode-se observar que, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, aparecerão críticas em relação ao aparelho. Na vida em sociedade ele passa a ser visto como um instrumento que afasta as pessoas, deixando de se relacionarem pessoalmente, chegando até mesmo a abandonarem o diálogo, mesmo no ambiente familiar.

Os celulares podem aumentar as possibilidades de emissão e recepção de informações, ampliando a probabilidade de comunicação, mas não garantem o enriquecimento do processo comunicativo. A loucura, a violência, a desestrutura familiar, as questões de gênero e as diferenças de fé religiosa sempre existiram, só que agora, com o celular, há a probabilidade de evidência imediata. Trocas rápidas de informações podem gerar grandes problemas de comunicação, seja com a família, seja com as instituições formais, como a escola, o Ministério Público, o Conselho Tutelar (TOSCHI e NEIVA, 2017, p.51).

Ou seja, questões físicas e psicológicas envolvem a sua presença, aparecendo várias questões que vão desde vícios como crimes através desse instrumento. Sabe-se que muitos são aqueles que sofrem quando estão sem celular, ou quando acaba a bateria, e síndromes começam a aparecer tornando-o como um verdadeiro “vício”, sem poder deixar de mencionar os assaltos e crimes, até mesmo cibernéticos, como *bullying*, agressividade, pedofilia, *fakes news*, e uma série de golpes que podem envolvê-lo.

Também há críticas feitas por pessoas que questionam o seu uso no ambiente escolar, principalmente em relação a sua utilização pelos alunos na sala de aula. Um dos argumentos

contrários são aqueles que colocam o celular como um fator de desatenção dos alunos durante as aulas, não prestando atenção naquilo que o professor está ensinando no ambiente escolar.

Sobre a escola, tendo em vista as últimas determinações ministeriais que contraem drasticamente o uso do texto impresso em favor dos meios de comunicação multimídia<sup>9</sup>, está se abatendo de fato um furacão, que pode provocar desastrosas consequências (REALE, 2015, p. 13).

Uma dessas consequências desastrosas segundo Reale (2015) vêm desde a forma “impositiva” sobre o “uso obrigatório dos meios de comunicação multimidiáticos”; o “alto custo” tanto para o Estado como para as famílias “manterem com eficiência os novos instrumentos”; e que a preparação docente não deveria se restringir apenas em como utilizá-los, mas nas “consequências que esse uso provoca nos usuários, no âmbito social, psicológico, gnosiológico e cultural”; deixando de lado “a relação dinâmico-existencial entre docente e discente, ou seja, entre pessoa e pessoa”.

É necessário que os docentes se deem conta, de maneira adequada, dos perigos constituídos por aquilo que, com eficientes metáforas, recebe o nome de “híbrido tecno-humano” e “homem informático”. Tornando-se vítima da tecnologia, o ser humano corre o risco de perder e, talvez, comprometer certas características ontológicas e axiológicas que fazem parte da sua essência (REALE, 2015, p. 14).

Desse modo, segundo o autor, a própria “formação do ser” estaria sendo prejudicada, já que estaria provocando “a perda da capacidade de concentração e modificando a maneira de pensar”; além de toda uma cultura de “livros impressos” estar sendo prejudicada.

Com efeito, vai acabar destruindo – como veremos – aquilo que a cultura escrita tem produzido ao longo de 2.500 anos, e ameaçando deixar os jovens de andarem às apalpadelas, no escuro, dado que os novos instrumentos tecnológicos não estão em condições de produzir novos conteúdos de caráter espiritual, e os jovens estão se tornando sempre mais incapazes de ler (REALE, 2015, p. 18).

Ou seja, o autor comenta que não podemos perder a “cultura escrita”, como a leitura, o caráter espiritual e também a capacidade para “resolver problemas que requerem sabedoria e capacidade crítica”. Reale (2015) também cita que um dos fundadores da internet, mesmo admitindo as vantagens que esta possibilita, menciona as “consequências desastrosas” que ela pode trazer.

---

<sup>9</sup> Formada pela justaposição de texto, sons e imagens. (ROJO, 2016).

Esses aspectos negativos podem se fazer sentir com maior impacto do que os super proclamados como benéficos na publicidade... o que é que se perde quando se adota uma tecnologia? Quem acaba marginalizado? [...] Há muitas coisas que não andam bem em nossas escolas: falta de disciplina, pouco interesse pelo estudo, telhados com goteiras, currículos de estudos inspirados por conveniências políticas. Mas a falta de informação não é um problema tão premente (STOLL<sup>10</sup>, 2001, apud REALE, 2015, p. 42).

Ou seja, há tantos outros problemas na escola que deveriam ser resolvidos do que ficar preocupando-se com um instrumento como o celular que não alcança a todos. Além de se ter um excesso de informações que segundo Reale (2015) proporciona a perda de um “verdadeiro interesse pela coisa”; salientando também que o “virtual” deforma a “realidade”, fora que os “instrumentos constituem um obstáculo para a interação humana” favorecendo o “isolamento” e o “individualismo”; “compromete a memória” e favorece uma “forma de linguagem extremamente empobrecida”.

Entende-se com isso que ter acesso a um determinado assunto através da tecnologia é fácil, no entanto identificar a veracidade disso passa a ser um desafio, pois normalmente, segundo Semis (2018) lidar com esse tipo de situação não é ensinado ao aluno pela instituição escolar, e, nesse sentido, cita uma professora norte-americana, Esther Wojcick, que defende o desenvolvimento crítico dos alunos desde pequenos, combatendo as *fake news*.

“Hoje, esse movimento é contra os celulares em sala de aula”, cita. Sua previsão pode não ser a mais confortável e positiva para alguns educadores, mas é bem realista: tudo é novo e vai continuar sendo, cada vez mais. E é exatamente por isso que os educadores precisam não somente se preparar, mas preparar seus alunos para esse mundo em que a mudança é constante. “Ao invés de banir os celulares, que tal ensinar as crianças a usá-los?”, provoca a professora americana (SEMIS, 2018, s/p.).

Ou seja, já que o celular faz parte da vida em nossa sociedade, seria prudente trazê-lo para o ambiente escolar, e relacioná-lo à aprendizagem. E mais importante ainda seria fazer com que esse aluno soubesse lidar com essa tecnologia. A informação está disponível, mas como utilizá-la? Como lidar com as “notícias falsas”? É possível desenvolver um trabalho com o celular?

---

<sup>10</sup> STOLL, C. *Confessioni di um Eretico High-Tech*. Milão: Garzanti, 2001.

### 3 O PLANO DE AÇÃO

Neste capítulo, descreveram-se quais métodos foram utilizados para realizar a pesquisa; e como ocorreram as ações sobre o processo de investigação sobre o tema.

#### 3.1 Metodologia do estudo/pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de Belo Horizonte, pertencente à Regional de Venda Nova, e foi escolhida em virtude da minha atuação como professora nesta instituição, já que o meu outro cargo é como coordenadora na cidade de Betim.

A pesquisa denominada pesquisa-ação é especialmente interessante na medida em que favorece processos nos quais o investigador deseja identificar os problemas, refletir acerca deles e agir no sentido de superá-los... Esse tipo de trabalho investigativo permite ao educador, orientado pela coleta de dados e pela literatura, realizar uma análise fundamentada de sua prática, avaliar e rever sua atuação, modificar os percursos, reavaliar, continuamente (EITERER, 2010, p. 15).

A investigação foi feita na minha própria sala, uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, sendo comum o professor acompanhar a turma em que se encontra. Como a intenção era pesquisar sobre alfabetização, deixei de continuar com a turma de 2º ano, do ano passado, só para realizar a pesquisa no 1º ano; o que não foi fácil! Até hoje encontro com os meus ex-alunos e dizem sentir a minha falta e até mesmo do celular que eu utilizava na sala de aula. Em sua maioria, os alunos dessa escola são muito carentes, tanto financeiramente como afetivamente; estando envolvidos em vários problemas sociais.

Já a pesquisa de campo, ou pesquisa empírica, busca, frequentemente, acompanhar o comportamento de um determinado fenômeno observável. Como sabemos, para entender um fenômeno, precisamos acompanhá-lo, registrar suas regularidades, etc... Pesquisas de abordagem qualitativa têm sido bastante recorrentes no campo educacional, especialmente, pelo fato de permitirem a análise em maior profundidade, a partir de situações singulares (EITERER, 2010, p. 12-13).

A turma possuía 25 alunos com idades que variavam entre 5 a 7 anos, não apresentando nenhum aluno com deficiência, sendo que apenas uma aluna possuía uma questão motora no braço direito.

Pesquisas de abordagem qualitativa têm sido bastante recorrentes no campo educacional, especialmente, pelo fato de permitirem a análise em maior profundidade, a partir de situações singulares. Isso significa dizer que essa modalidade de investigação é própria para situações que envolvem pequenas populações, pretendendo adentrar as informações, interpretar significados, narrar situações, descrever processos culturais e/ou institucionais (EITERER, 2010, p. 13).

Diante disso, buscou-se, através de uma abordagem qualitativa, conhecer melhor o nível de escrita que os alunos já possuíam, para que pudesse haver uma comparação entre atividades que demandam “o famoso quadro negro”, que se baseia na cópia, com algo inovador, que foi a utilização de um celular que pode projetar qualquer “vídeo” da internet no espaço da sala de aula, sendo utilizado apenas pelo professor, já que os alunos não manipularam o aparelho.

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1991, p. 45).

Trata-se de algo novo nessa pesquisa, um verdadeiro processo exploratório, já que, quando se fala em celular na sala de aula, é comum pensar-se em alunos manuseando o aparelho, o que não acontece nessa investigação. Outro fato importante foi que o celular utilizado, o qual, normalmente, não faz parte do conhecimento das pessoas em geral, principalmente dos profissionais envolvidos na educação, trata-se do Moto Z3 Project Edition, que funciona como se fosse um “Datashow”.

Nesse viés, além do uso de um equipamento pouco conhecido, a pesquisa inova ao não pensar no uso do celular pelo aluno, algo comum nas pesquisas referentes a esse assunto, mas pelo professor. É o professor que exibirá os vídeos através do celular e os discentes observarão e farão os registros necessários. E, diante disso, investigar se o celular, através de vídeos de alfabetização, poderia contribuir para o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa, sua finalidade é conhecer as diferentes contribuições científicas sobre o assunto que se pretende estudar. O objetivo é também revisar a literatura existente e não repetir o tema de estudo ou experimentação. Entende-se, assim, o motivo da revisão bibliográfica ou revisão de literatura, que consiste em um levantamento do que existe sobre um assunto e em conhecer seus autores. (GONÇALVES, 2005, p. 58).

Inicialmente, a pesquisa baseou-se nos estudos psicogenéticos de Emília Ferreira (1985) e Ana Teberosky (1985) no intuito de determinar o nível de escrita em que os alunos se encontravam.

O procedimento para a coleta de dados foi a observação da sala de aula no momento da exibição dos vídeos, com o registro através do diário de campo. A princípio, quando não se tinha o “celular Datashow”, os alunos mudavam de lugar, já que eu me posicionava no meio da sala e segurava o outro celular encostando no meu próprio som vocal.

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a escolha e formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa (GIL, 1991, p. 104).

Esta observação é muito importante, pois foi percebido durante a pesquisa o enorme interesse dos alunos para verem o vídeo, até “brigas” aconteciam para sentar em um local mais estratégico. Paravam e ficavam em silêncio olhando o vídeo a ser exibido. Procurou-se, também, escolher um vídeo que possibilitasse a interação dos alunos, o que sempre acontecia. Eles, de certo modo, conversavam com o vídeo, que também se utiliza de perguntas, favorecendo a participação da turma.

Outro importante fato foi que, no momento da aplicação do primeiro teste do diagnóstico, os alunos ainda não haviam feito nenhuma atividade para entregar para a professora, o que causou em um deles um choro contínuo, além de dois terem se recusado a preencherem, sendo que um deles chegou a entregar praticamente em branco a atividade.

Os documentos utilizados como fonte de pesquisa podem ser de diferentes tipos: textos, fotografias, pinturas, áudios, vídeos, etc. Normalmente, o mais utilizado é o material escrito... No meio escolar, podemos citar, como exemplos, desde produções de textos dos alunos, diários de classe, atas de reuniões, planos de aula até o Projeto Político Pedagógico. (EITERER, 2010, p. 29).

Os documentos utilizados como fonte de pesquisa foram de análise textual, ou seja, foram elaboradas atividades a partir das imagens exibidas no vídeo de alfabetização. E, a partir desses registros, a intenção era analisar se havia alguma contribuição do celular, através dos vídeos de alfabetização, no processo de aquisição da leitura-escrita, mesmo sabendo que vários fatores poderiam influenciar nesse processo.

### **3.2 Descrição da ação**

Para investigar se o celular, através de vídeos de alfabetização, contribuiria para o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, primeiramente era necessário saber o nível de escrita dos alunos, ou seja, fazer um diagnóstico, uma vez que a alfabetização pode ocorrer não apenas dentro do ambiente escolar, já que as experiências e práticas sociais (letramento) de cada criança fazem parte desse processo; pois os alunos já trazem “conhecimentos” para o ambiente escolar.

Por isso, era preciso fazer um diagnóstico de cada aluno e foi percebido que alguns já entraram no 1º ano alfabetizados. Neste momento, para esta pesquisa, entende-se como “alfabetizado” aquele aluno que consegue escrever as palavras “corretamente”, ou seja, segundo a “língua padrão”; não sendo considerada nenhum tipo de acentuação, já que os alunos estão apenas no 1º ano de escolaridade.

Com isso, alcançava-se um dos objetivos específicos da pesquisa que era identificar o nível de escrita dos alunos para posteriormente tentar verificar se o vídeo influenciaria mais do que a tão famosa “cópia” do quadro, por exemplo.

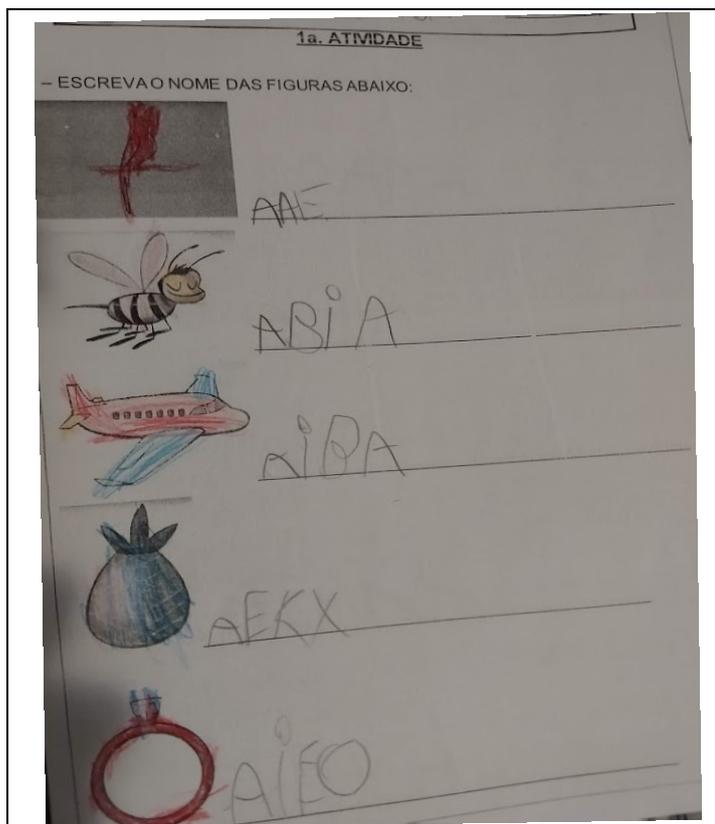
Diante disso, esse diagnóstico, que na verdade é uma atividade em folha elaborada a partir de um vídeo de alfabetização, com algumas imagens e espaços para os alunos registrarem o “nome” de cada desenho; tinha que ser a mesma para o diagnóstico e para se copiar do quadro, pois a partir disso poderíamos fazer uma comparação dos três momentos e verificar se a criança, observando um vídeo, seria mais eficiente do que fazer uma “cópia” do quadro, por exemplo.

Algo muito comum no ambiente escolar é a “cópia” e ela até hoje é utilizada no ambiente escolar, sendo que já teve, em momentos anteriores, papel fundamental para se garantir “o aprendizado”, ou melhor, “a decoreba” daquilo que estava sendo proposto.

Era necessário, então, definir que tipo de vídeo seria exibido para os alunos. A intenção era a de que os alunos pudessem dialogar com o vídeo, de que participassem, colaborando para uma aprendizagem de maneira criativa, dialógica e divertida. O vídeo escolhido foi a “Letra A – letras – os Pequerruchos Almanaque”, do *Youtube*; e a intenção era começar pela letra “A”, depois a letra “B” e assim sucessivamente.

Desse modo, foi aplicado, no dia 19/02/19, o diagnóstico elaborado com as palavras que apareciam no vídeo, para ver se os alunos já as conheciam, senão ver o vídeo posteriormente não traria nenhuma evolução. Diante disso, as imagens foram copiadas exatamente como seriam exibidas no vídeo pelo celular da docente.

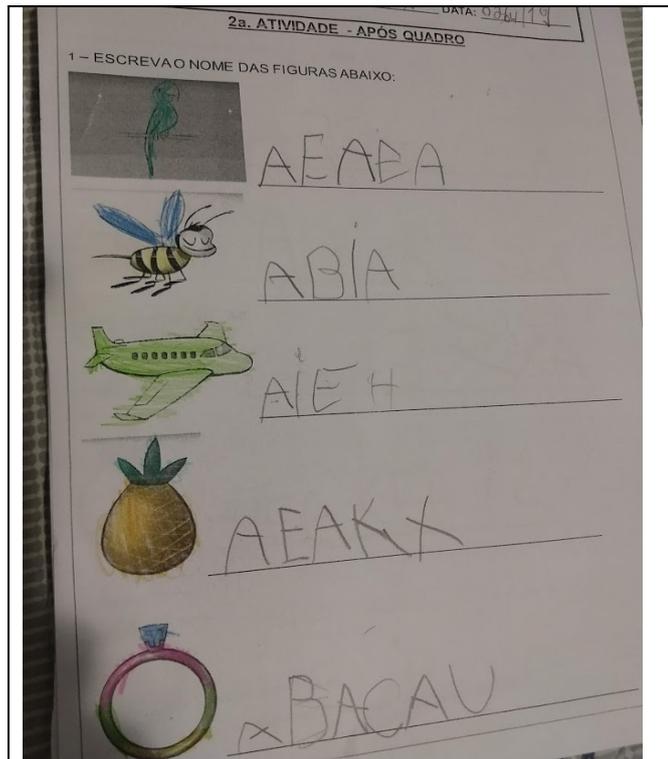
**Foto 1** – “1ª ATIVIDADE”, ou “diagnóstico”, aplicada no dia 19/02/19, da aluna Bruna.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Com esse diagnóstico inicial, foi possível observar se os alunos conheciam a escrita dessas palavras que seriam exibidas posteriormente no vídeo. Depois, essas palavras foram colocadas no quadro e os alunos deveriam registrá-las no caderno. Ou seja, agora todos os alunos veriam, na escola, como é a escrita dessas palavras segundo a “língua padrão”. Esse registro ocorreu no dia 02/04/19, nos primeiros horários, e depois do recreio aplicou-se a segunda atividade, também chamada de “2ª ATIVIDADE - APÓS QUADRO”, que pretendia descobrir se a cópia de palavras faz com que as crianças realmente escrevam “corretamente”.

Foto 2 – “2ª ATIVIDADE - APÓS QUADRO” aplicada no dia 02/04/19, da mesma aluna Bruna



Fonte: Arquivo pessoal.

Sabe-se que a “cópia do quadro” é algo típico da sala de aula e ainda muito utilizado no contexto escolar. Logo após a atividade da cópia, foi exibido o vídeo dos “Pequerruchos” utilizando o celular Moto Z3 Project Edition, que funciona como se fosse um “Datashow”, projetando tudo o que está na tela.

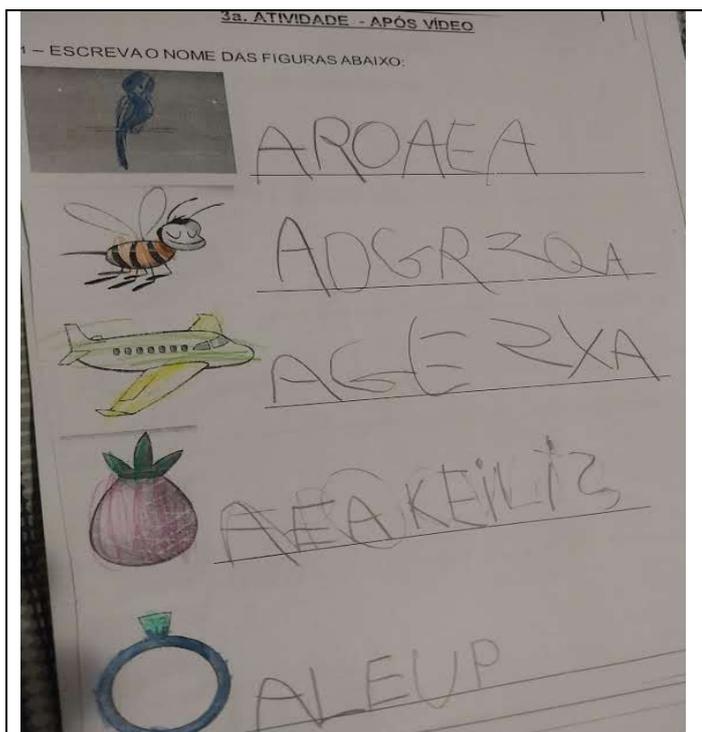
**Foto 3** – Alunos assistindo ao vídeo dos “Pequerruchos” através do celular



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Desse modo, a última atividade seria o registro após a exibição das palavras através do vídeo, ou seja, para ver se com a utilização de um recurso que alia som e imagem, essa escrita aconteceria de maneira mais eficaz. Esse processo também aconteceu nos primeiros horários, no dia 03/04/19, com a exibição do vídeo; e depois do recreio registrou-se a atividade.

Foto 4 – “3ª ATIVIDADE - APÓS VÍDEO” aplicada no dia 03/04/19, da mesma aluna Bruna



Fonte: Arquivo pessoal.

Percebe-se que a estrutura da atividade aplicada para os alunos é a mesma, só que foi realizada a partir de instrumentos diferentes. No primeiro momento, ocorreu o diagnóstico para saber o que o aluno já conhecia; posteriormente foi realizada após ter feito a cópia das palavras no caderno e, por último, a partir da visualização do vídeo de alfabetização.

Nesse cenário, qual recurso surtiria maior efeito no aluno: a “cópia do quadro” ou o “vídeo”? A intenção era fazer um revezamento entre “vídeo” e “cópia do quadro” para que, de certo modo, uma atividade não favorecesse a outra, ou seja, as palavras vistas anteriormente no quadro poderiam influenciar na escrita delas após verem o vídeo, ou vice-versa.

No entanto, isso não pode ser feito devido a alguns transtornos encontrados durante a realização da pesquisa.

### 3.2.1 As dificuldades para realizar a ação

A minha escola, no início da realização da pesquisa ainda não tinha acesso à *wi-fi*, utilizava a minha internet, e os vídeos eram exibidos através do meu próprio aparelho de celular, um Motorola G5S, em vez de uma TV ou Datashow da escola. Desse modo,

aproximava o meu aparelho de som que uso por ser professora, já que faço acompanhamento com a fonoaudióloga, aproximando do celular, e mostrando o mesmo com as mãos, no centro da sala, para os alunos. Mas, o que sempre foi observado, já que utilizo o celular por cerca de 4 anos, é que, no momento da exibição dos vídeos, alguns alunos mudavam de lugar, principalmente aqueles que estavam mais distantes, localizados à janela e à porta. Em alguns momentos brigavam para sentar nas cadeiras mais próximas; ou ficavam em pé nas paredes centrais para verem melhor. Todos os alunos visualizavam os vídeos apresentados, sempre demonstraram interesse, parando o que estavam realizando e tentando interagir com aquilo que estava sendo apresentado.

Mas, mesmo assim, sempre apareceram questionamentos por parte dos professores da escola e até da faculdade sobre a utilização do celular, ou mesmo por causa do seu tamanho de visualização. Parecia até que o aparelho era proibido!

No ano passado, uma mãe de aluno me questionou ao ser chamada na escola por determinada ação do filho em relação a uma menina da sala, e disse que o filho dela só agiu dessa maneira porque eu só ficava no celular. Ou seja, como poderia uma professora utilizar celular na sala em vez de “dar aula”? Deveria prestar atenção nos alunos, por isso o filho dela agiu de maneira errada, dado que a professora não estava olhando, pois “estava no celular”. É interessante observar que há uma exceção para este uso, ou seja, desde que se tenha uma finalidade pedagógica. Situação esta que sempre procurei deixar claro para os alunos, pais, demais professores e direção escolar.

Ressalta-se que o celular, de uma maneira em geral, não era utilizado por mim apenas em relação ao processo de alfabetização; mas também em outras áreas do conhecimento, diante das habilidades e competências que são propostas para o ano/ciclo. Na verdade, por meio do aparelho trabalha-se uma outra forma de texto, que muitas vezes é desconhecida pela família, até mesmo por outros professores.

Aceitar que as imagens podem se constituir como textos é poder dizer que, antes de tudo, elas se estruturam na forma de um texto visual que pode ser lido. A questão que se coloca é como podemos ler esse texto imagético. Lembramos que a definição de texto toma por base as teorias linguísticas atuais que vêm ampliando esse conceito como uma produção, seja verbal, sonora, gestual, imagética, em qualquer situação de comunicação humana, estruturada com coerência e coesão. São necessários minimamente os interlocutores, um contexto e um texto, que pode apresentar diferentes materialidades. (BELMIRO, 2014, s/p.).

Como destaca Belmiro, temos “textos de diferentes naturezas” que trazem uma “riqueza de propostas que relacionam o texto verbal e o texto visual”. E, imagina, quanto tempo seria despendido com a TV ou o Datashow (se funcionarem) quando se pode ter algo que é instantâneo e que envolve os nossos alunos! Só de ser um celular, irão parar e prestar atenção. Mas, mesmo assim, alguns colegas docentes aproveitavam os momentos de reunião na escola para relatar que não utilizavam o celular, como se isso fosse algo positivo, e, de certo modo, me ameaçavam dizendo que eu estava “produzindo prova” contra mim mesma; até o atual diretor da referida escola disse que não tinha “tempo”, “cabeça” para isso quando a docente foi explicar a proposta da pesquisa; mas, de forma irônica, como se fosse uma pessoa muito ocupada para se ater a tais tipos de “instrumentos”; e também não teria sossego com pais o “atormentando” fora do horário escolar.

Sabe-se que em tudo há aspectos positivos e negativos, mas nesse caso o propósito era beneficiar a aprendizagem dos alunos. Até mesmo na pesquisa em questão o celular foi criticado em razão do tamanho do aparelho, sendo sugerida a utilização de uma tecnologia que apresentasse uma maior visualização pelos alunos, como um Datashow ou uma TV; ou até mesmo que a pesquisa sobre o celular fosse abandonada, sugerindo que fosse investigado uma das brincadeiras que eram realizadas em sala de aula, por exemplo, a “forca”, no intuito de favorecer a alfabetização.

Porém, para se utilizar a TV é preciso pegar a chave na Direção da escola (a TV fica trancada e não é daquelas “modernas”, que já tem acesso à internet) e é necessário reservar o disco digital versátil (DVD) na biblioteca. Na escola em questão, este ano, a biblioteca permanecerá fechada e não haverá outro funcionário, já que a atendente está de licença maternidade até meados do ano. Fora que o acervo da escola não é tão vasto assim! Imagina ter que achar um “material” que fale justamente sobre o assunto estudado? Vídeos de alfabetização, de acordo com a proposta da pesquisa, a escola não possui! Outra situação é o Datashow, que também deve ser reservado com antecedência, pois só há dois aparelhos na escola e apenas um funcionário para montá-lo na sala de aula.

Diante de alguns contratempos, principalmente por causa do tamanho do celular, acabei parando de aplicar os testes e outros vídeos em sala de aula, mas não quis desistir da investigação. Então, resolvi comprar um Datashow, já que seria uma forma de continuar com o tema; apesar de não ser a mesma coisa e não ter a praticidade de um celular: até montar, ligar os fios...e toda a demanda de tempo que causaria; mas mesmo assim fiquei aguardando a chegada do equipamento para continuar a aplicação das atividades. Optei por não utilizar o da

escola devido à burocracia e também porque não poderia ser utilizado no momento que eu quisesse, demandaria agendamentos, tempo para montagem, etc.

No entanto, o Datashow comprado pela internet veio diferente do que tinha sido encomendado, sem caixa de som e com uma qualidade inferior. Ou seja, mais empecilhos, já que havia um tempo para realizar a pesquisa. Diante da situação, comecei a pesquisar outro Datashow pela internet e descobri que existe um celular que funciona como Datashow, que é o Motorola Z3 Project Edition, o qual, acoplado a um *snap*<sup>11</sup>, reproduz tudo aquilo que está sendo mostrado na tela<sup>12</sup>. Não pensei duas vezes e o adquiri, juntamente com uma caixa de som, que funciona por meio de *bluetooth*<sup>13</sup>. Dessa maneira, um celular trouxe a solução para o “tamanho da imagem” que era questionada anteriormente quando eu utilizava o aparelho em sala de aula, só que agora poderia ser projetada como cinema! De certa forma, é a tecnologia contribuindo para possíveis aprendizagens e fazendo com que os alunos prestassem a atenção, se empolgassem e se encantassem com a novidade. Até hoje é comum ouvir de ex-alunos que “sentem a falta do celular”. Desse modo, a praticidade é um fator fundamental para a escolha do celular como recurso tecnológico; além de chamar a atenção dos alunos. Devido a esse fator, o mesmo teste que foi aplicado anteriormente com o celular Motorola G5S também foi aplicado com o novo celular, o Motorola Z3 Project Edition, para que essa influência do tamanho da imagem também pudesse ser investigada nesse processo de alfabetização. O diagnóstico utilizando o celular Datashow foi aplicado somente no dia 17/06/19, a segunda atividade com a utilização do quadro foi realizada no dia 27/06/19, sendo que a terceira atividade após o vídeo foi finalizada no dia 04/07/19. Ou seja, houve certos empecilhos para a aplicação dos testes, pois a intenção era de que mais vídeos fossem exibidos, e com isso seguia-se a sequência das letras do alfabeto, ficando a pesquisa restrita apenas ao registro sobre o vídeo da letra “A”.

---

<sup>11</sup> Os Moto Snaps (ou Moto Mods, nos Estados Unidos) são capinhas inteligentes que se encaixam na traseira do celular para agregar funções extras. A ideia é oferecer uma larga variedade desses acessórios para incrementar o telefone sem precisar trocá-lo por um novo futuro (ALVES, 2016, s/p.).

<sup>12</sup> Moto Snap vem com um pequeno projetor capaz de espelhar a tela do celular – exibindo filmes e séries, por exemplo – em uma imagem de até 70 polegadas na parede. O recurso pode ser útil para palestrantes que desejam uma solução portátil, além de permitir entretenimento fácil em qualquer lugar (ALVES, 2016, s/p.).

<sup>13</sup> *Bluetooth* é uma tecnologia de comunicação sem fio de curta distância, que transmite dados via sinais de rádio. (THOSHI e NEIVA, 2014, p. 18).

**Figura 1** – Imagem ilustrativa do celular Moto Z3 Project Edition



**Fonte:** <[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1102939515-moto-z3-play-projector-edition-snap-projetor-64gb-leia-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1102939515-moto-z3-play-projector-edition-snap-projetor-64gb-leia-_JM)>.

O que se observou com a utilização desse novo aparelho foi a necessidade de utilizar as carteiras centrais da sala para que a imagem ficasse mais nítida. Tanto os vidros foram “escurecidos” com papéis, quanto cortinas também foram colocadas/trocadas, oportunizando aos alunos uma imagem “como de cinema”. E de cinema mesmo! Agora os filmes assistidos pelos alunos também são exibidos pelo celular, já que o som da TV que está na sala de aula é de péssima qualidade; sendo possível, acessá-los mais facilmente através da internet, uma vez que o empréstimo de DVDs continua precário, pois a biblioteca da escola permanece sem atendimento (gravidez e férias da funcionária). Além disso a caixa de som que veio junto com o celular, mais o microfone da docente, também colaboram para uma audição de melhor qualidade!

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Este capítulo pretende identificar o nível de escrita dos alunos (diagnóstico); se conseguiram reconhecer as letras/sílabas através do registro dessa escrita; perceber se havia o envolvimento dos alunos nas práticas realizadas e, diante disso, verificar se o celular, através de vídeos de alfabetização, contribuiu para o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

### **4.1 O nível de escrita dos alunos a partir do diagnóstico inicial**

Inicialmente, 21 alunos preencheram a primeira remessa de investigação que constava de “1ª Atividade”, “2ª Atividade - após quadro” e “3ª Atividade - após vídeo”. A partir do primeiro diagnóstico, que foi realizado no dia 19/02/19, constatou-se que, segundo a psicogênese da língua escrita, 14 alunos estavam pré-silábicos, 03 silábicos, 03 alfabéticos e 01 não preencheu a folha da “1ª Atividade”.

Aqueles que não percebem a escrita ainda como uma representação do falado têm a hipótese pré-silábica... Quando a escrita representa uma relação de correspondência termo a termo entre a grafia e as partes do falado, a criança se encontra na hipótese silábica. O aluno começa a atribuir a cada parte do falado (a sílaba oral) uma grafia, ou seja, uma letra escrita... A hipótese silábico-alfabética corresponde a um período de transição no qual a criança trabalha simultaneamente com duas hipóteses: a silábica e a alfabética. Ora ela escreve atribuindo a cada sílaba uma letra, ora representando as unidades sonoras menores, os fonemas. Quando a escrita representa cada fonema com uma letra, diz-se que a criança se encontra na hipótese alfabética (MOÇO, 2009, s/p.).

Ou seja, não apareceu nenhum aluno no nível silábico-alfabético e a grande maioria estava no nível pré-silábico, utilizando letras aleatórias (geralmente presentes em seu próprio nome) e sem uma quantidade definida.

### **4.2 O reconhecimento de letras/sílabas a partir dos registros realizados**

Ao se escolher o tipo de vídeo de alfabetização a ser utilizado na pesquisa, não se preocupou com o “grau de dificuldade” das palavras, e sim com que ele promovesse a interação dos alunos durante a sua exibição, possuindo tanto a linguagem visual quanto a

verbal; já que tínhamos tanto o desenho quanto a palavra mostrados simultaneamente durante o vídeo.

A canonicidade de uma palavra seria evidenciada pelo padrão silábico (número e qualidade de sílabas) e pela estrutura prosódica (padrão acentual). Isso significa dizer que uma palavra típica da língua portuguesa seria formada por sílabas CV e com a tonicidade recaindo na penúltima sílaba (paroxítona). Além disso, do ponto de vista da extensão, composições de palavras dissílabas e trissílabas têm uma maior frequência do que as palavras monossílabas (CARVALHO, 2014, s/p.).

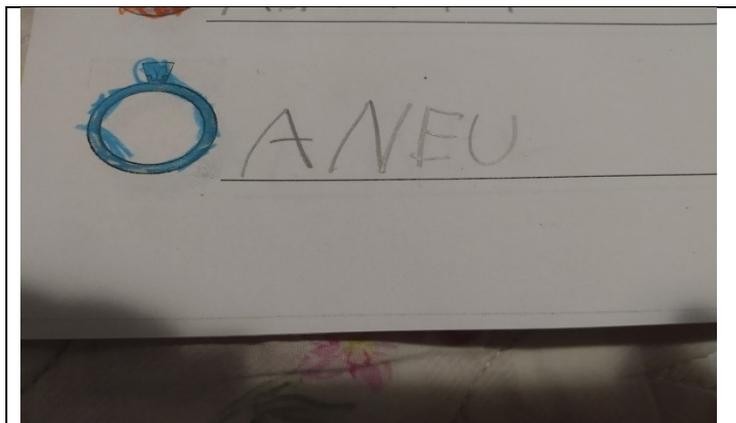
Ou seja, é comum no processo de alfabetização que os professores trabalhem com “sílabas simples” ou chamadas “CV”, que quer dizer “consoante/vogal” como, por exemplo, em PATO que possui 2 sílabas que são formadas por “uma consoante e uma vogal” (CV); e que para Carvalho (2014) isso seria a “constituição silábica”.

Uma vez que a intenção era seguir a ordem alfabética, o vídeo destacava palavras que se iniciavam pela letra “A”: arara, abelha, avião, abacaxi e anel; só que normalmente não são utilizadas para o processo de alfabetização, saindo, de certo modo, da lógica “consoante/vogal”.

Nas palavras ato, pato, prato, parto com estruturas diferentes na primeira sílaba (V,CV,CCV,CVC), existe uma hierarquia estrutural que coloca a sílaba CV como prototípica. Esta classificação da sílaba CV é endossada pelas tentativas de se regularizar a sílaba: a tendência é reduzir as sílabas CCV ou CVC para CV ou transformar as sílabas V em CV. A complexidade silábica não é, portanto, definida linearmente, tanto que a sílaba composta por uma só vogal é mais complexa do que a sílaba formada por consoante e vogal (CARVALHO, 2014, s/p.).

O vídeo em questão apresentou palavras que já se iniciavam com a primeira sílaba formada por uma vogal, o que, segundo Carvalho (2014), é “mais complexa” do que a sílaba “consoante/vogal”, além das palavras do vídeo terem “graus de dificuldade” que exigem o conhecimento de “convenções da norma culta”, algo ainda muito distante para alunos do 1º ano.

**Foto 5** – “3ª ATIVIDADE - APÓS VÍDEO” aplicada no dia 03/04/19, da aluna Renata<sup>14</sup>.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

É comum no processo de alfabetização que se escreva as palavras de acordo com a pronúncia que se estabelece. No caso da aluna Renata, ela escreve a palavra com base no fonema, ou seja, o som “U” presente na fala. Outro fato comum ao analisar o reconhecimento das letras, é a presença quase unânime dos alunos em escreverem todas as palavras iniciadas pela letra “A”, demonstrando que já dominavam tal letra do alfabeto, muitas vezes, desde a Educação Infantil.

### **4.3 O envolvimento dos alunos nas práticas realizadas**

Foi nítido, a partir da atividade, que a participação dos alunos era constante e a empolgação também! O vídeo escolhido permitia que os alunos pudessem “escrever no ar” a letra apresentada; fazer questionamentos sobre a quantidade de letra “A” presente na palavra que era mostrada junto com a imagem; falar outras palavras iniciadas por aquela letra; e também fazer com que os alunos tivessem a possibilidade (em sua residência, no caso) de enviarem outras palavras para o vídeo, promovendo uma forma de interação entre alunos e a tecnologia.

Além disso, quando o vídeo questionava que outras palavras também poderiam ser escritas que “começassem” com a letra “A”, os alunos queriam falar a palavra, antes mesmo de aparecer a imagem na tela, provocando uma certa competição entre eles.

---

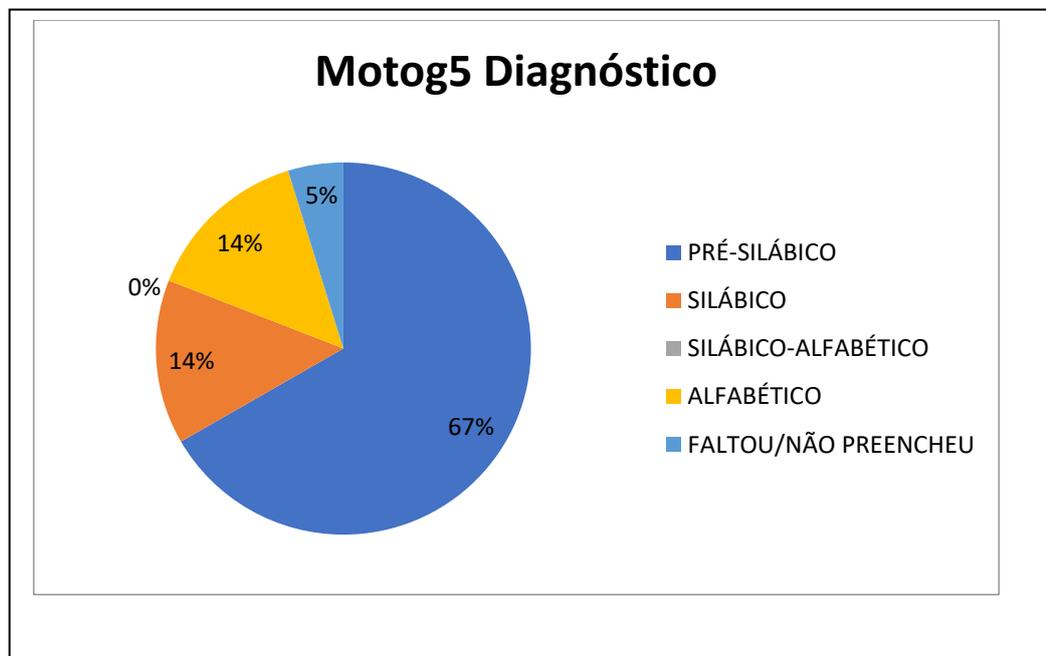
<sup>14</sup> Para preservar a identidade do sujeito optou-se por nome fictício.

Era como se o vídeo conversasse com os alunos e eles respondiam e faziam os gestos que eram solicitados de acordo com a letra mencionada, sendo comum ouvir, por exemplo, “... acertei...”; “eu falei primeiro...”, sendo difícil até conseguir terminar de ouvir o vídeo.

#### 4.4 A utilização de vídeos de alfabetização no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Para que isso ocorresse era preciso identificar a quantidade de alunos segundo o nível da escrita na psicogênese da língua escrita de acordo com cada atividade realizada: a partir da “cópia do quadro” e a partir da “visualização do vídeo”, tendo o diagnóstico como referência. Além disso, também era necessário fazer uma comparação entre os 2 tipos de celulares utilizados na pesquisa, o Moto G5S, segurado na frente da sala pela professora, e o Moto Z3 Project Edition, que projetava a imagem no quadro, com isso o tamanho da imagem era extremamente alterado.

**Gráfico 1** - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “1ª Atividade” possuindo o celular Moto G5S.



**Fonte:** Elaborada pela autora com base na atividade diagnóstica aplicada na escola (2019).

Foi constatado pelo diagnóstico inicial que 14 alunos estavam pré-silábicos, 03 silábicos, 03 alfabéticos, e 01 não preencheu a folha da “1ª Atividade”. Após o levantamento

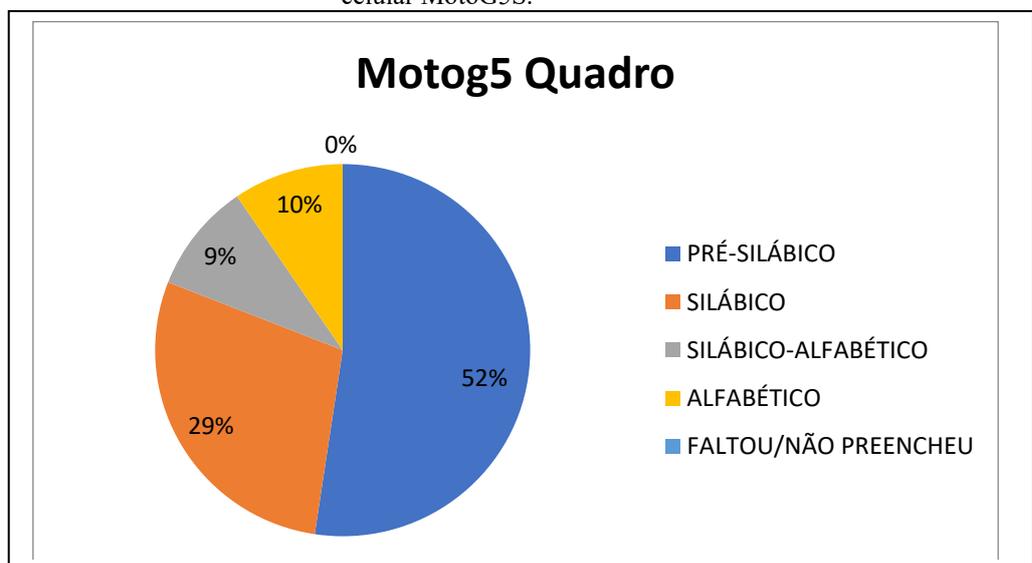
dessa escrita, as mesmas palavras que apareceriam no vídeo foram escritas no quadro da sala de aula e os alunos deveriam registrá-las no caderno.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p. 23).

Tal fato foi demonstrado através do diagnóstico. Alguns alunos já estavam lendo, mas outros, na sua grande maioria, ainda dependiam da escola para que o processo de alfabetização acontecesse.

Depois desse diagnóstico, seria aplicada a “2ª Atividade - após quadro”, que, na verdade, tem as mesmas imagens da “1ª Atividade”, mas só para ver se houve alguma evolução após a cópia. Será que fazer cópia realmente causaria algum efeito para o aluno?

**Gráfico 2** - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “2ª Atividade - após quadro” possuindo o celular MotoG5S.



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas atividades após a cópia no quadro, aplicada na escola (2019).

Essa atividade foi aplicada em 02/04/19 e os alunos registraram as palavras que já haviam copiado no caderno anteriormente. A partir dessa atividade foi identificado que das 21 crianças 11 alunos estavam no nível pré-silábico, 6 no silábico, 2 no silábico-alfabético, 2 alfabéticos e todas as atividades foram preenchidas. Ou seja, percebe-se que houve uma

“evolução” dos alunos em relação ao primeiro diagnóstico, até alunos no nível silábico-alfabético apareceram; mas é difícil determinar que isso se deva apenas à cópia anteriormente realizada, pois houve uma diferença de quase 2 meses de uma atividade para a outra, sendo que várias outras atividades poderiam favorecer esse processo de desenvolvimento da leitura-escrita, além do fato de que a influência na “alfabetização” passa não só pelo ambiente escolar, e isso se refere ao letramento.

É para essa nova dimensão da entrada no mundo da escrita que se cunhou uma nova palavra, letramento. O conceito designa, então o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita (SOARES, 2005, p. 50).

Desse modo, destaca-se a importância do letramento (o uso dessa escrita nas práticas sociais, permeada de sentido); sendo ele fundamental para que o sujeito consiga “sobreviver”, agir e mudar a realidade. Sabe-se que o aluno é portador de conhecimentos e já pode ter tido contato com a escrita dessa palavra, pois vive em um “mundo letrado”.

Nesse sentido, o processo de alfabetização, que podemos ampliar para o sentido de letramento, defendido por Magda Soares, irá sofrer influências tanto externas quanto internas do ambiente escolar. A vivência de mundo daquele aluno pode fazer com que ele já tenha visto a “forma” como se escreve aquela palavra em algum lugar, tanto quanto o contrário, talvez ele jamais tenha visto aquela palavra, tendo apenas a ideia do que aquilo significa. As experiências são diversas, de maneira que, para alguns alunos pode ser que o vídeo ou a escrita do quadro não vão fazer diferença, uma vez que já chegaram lendo na escola.

Além desse contexto externo à escola, várias práticas também utilizadas na instituição escolar podem colaborar para esse processo. No caso específico, também utilizo jogos e brincadeiras para favorecer o aprendizado; fora que na minha rotina usual diversos vídeos de alfabetização são exibidos para os alunos logo no início da aula, assim como brincadeiras (músicas infantis e escrita no quadro); os jogos se restringem à disciplina de língua portuguesa e matemática (memória, formação de palavras, dominó, bingos, muitas vezes confeccionados pelos próprios alunos e realizados às sextas-feiras). Os vídeos estão

relacionados às letras do alfabeto; como também podem ser vídeos relativos aos numerais, ou a outro conteúdo específico, como, por exemplo, medidas de tempo ou geometria, ou determinado gênero textual e assim por diante.

Além desses jogos e brincadeiras voltados para o processo de alfabetização/matemática, a turma também participa de um projeto cuja temática é o “Rei Leão”. Na verdade, toda terça-feira, os alunos formam 5 grupos com os nomes dos personagens do filme “Rei Leão 1”, e tarefas são executadas pelo grupo utilizando um alfabeto móvel colorido pelos próprios alunos, a partir de uma contação de histórias feita por mim (envolve interpretação do texto e principalmente a escrita de palavras que fazem parte do livro, e depois questões de língua portuguesa e de matemática, em que todos os alunos participam indo até o quadro). Também faço um “Projeto de Literatura” no qual um fantoche “conversa” com os alunos em sala e posteriormente os visita na residência com um caderno para o devido registro, culminando com a apresentação/contação de histórias para toda a turma.

Enfim, várias são as práticas com o objetivo de favorecer a alfabetização dos alunos, que, na pesquisa, vai se ater à escrita correta das palavras. Além disso, possuo o contato de todos os pais pelo *WhatsApp*<sup>15</sup> (ZAP), onde os bilhetes, vídeos mostrados, como também as atividades realizadas em sala, ou outros eventos, são enviados através do celular, o que faz com que os responsáveis possam acompanhar aquilo que acontece na escola e possam comunicar-se comigo quando necessário.

E, por último, o vídeo das palavras foi mostrado por meio do celular, e outra atividade foi entregue, mas com os mesmos desenhos, no intuito de avaliar se houve uma maior “aproximação” com a escrita do vídeo. Desse modo, buscava-se favorecer a escrita de palavras, a partir de uma letra do alfabeto.

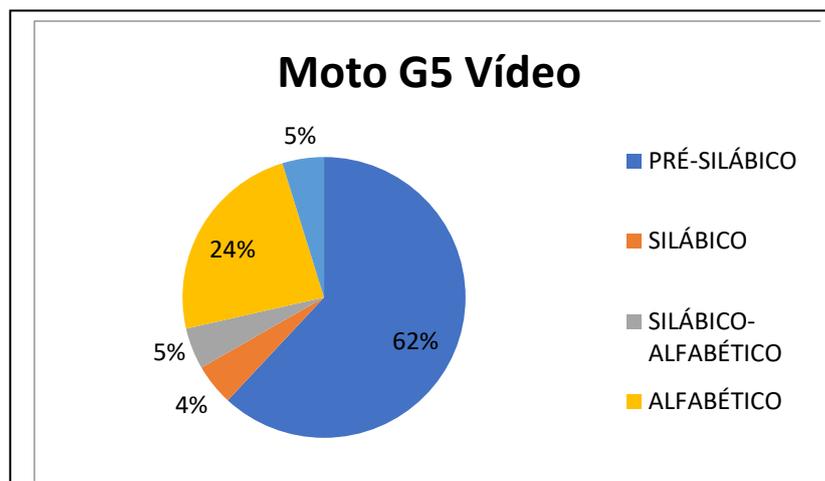
A “3ª Atividade - após vídeo” foi realizada um dia após a atividade da cópia do quadro, no dia 03/04/19, e foi notada uma regressão em relação aos alunos, alguns, que tinham sido

---

<sup>15</sup> Existem diversos aplicativos de mensagens instantâneas que podem ser baixados pelas lojas de aplicativos. O objetivo é a troca instantânea, entre aparelhos, de arquivos de texto, áudio, imagem e geolocalização. (TOSHI e NEIVA, 2014, p. 25).

silábicos na atividade da cópia, após o vídeo “regrediram” na escrita, escrevendo como pré-silábicos, como também houve aqueles que avançaram, passando para alfabéticos.

**Gráfico 3** - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “3ª Atividade - após vídeo” utilizando o celular MotoG5S.



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas atividades após vídeo de alfabetização, aplicada na escola (2019).

A partir do gráfico acima, nota-se que, no total, apareceram 13 alunos pré-silábicos, 01 aluno silábico, 01 silábico-alfabético, 05 alfabéticos e 01 aluno não preencheu a “3ª Atividade - após vídeo”. Diante disso, podemos constatar que para alguns alunos o vídeo fez a diferença, para outros até prejudicou, enquanto para outro grupo de discentes, mesmo utilizando essas estratégias, nenhuma ainda foi suficiente para promover o avanço.

As técnicas precisam ser escolhidas de acordo com o que se pretende que os alunos aprendam. Como o processo de aprendizagem abrange o desenvolvimento intelectual, afetivo, o desenvolvimento de competências e de atitudes, pode-se deduzir que a tecnologia a ser usada deverá ser variada e adequada a esses objetivos. Não podemos ter esperança de que uma ou duas técnicas, repetidas à exaustão, deem conta de incentivar e encaminhar toda a aprendizagem esperada (MORAN, 2008, p. 143).

Diante disso, não se pode desconsiderar que há todo um trabalho desenvolvido em sala de aula, pelo professor, que deverá se utilizar de várias estratégias para favorecer essa alfabetização. Até outras situações podem interferir nesse processo, como questões externas à escola (algumas dessas palavras podem ter sido vistas fora do ambiente escolar), ou que dependerá de cada aluno (aquilo que faz sentido pra ele, que o chama atenção por algum motivo), por isso, o ideal é que várias estratégias sejam utilizadas.

É importante deixar claro, que não se pode ater às classificações como se elas já estivessem totalmente demarcadas, finalizadas. E isso ficou claro quando, no intervalo de um dia para o outro, registros diferentes apareceram com relação às mesmas imagens, como se elas fossem o “ponto de chegada” e não “o de partida”, pois o ideal, quando se pensa em estratégias de auxílio a estes alunos, seria pensar na escrita desse aluno consigo mesmo, tentando identificar aquilo que ele já evoluiu ou ainda não conseguiu vencer.

Algumas implicações pedagógicas da perspectiva psicogenética merecem destaque, sobretudo em contextos de alfabetização: 1) os progressos psicogenéticos na escrita são diferentes para cada aluno, pois não dependem apenas de experiências escolares; 2) a complexidade e o dinamismo desses processos são incompatíveis com a avaliação da ‘prontidão’ dos alunos ou a constituição de turmas homogêneas com alunos idealizados; 3) as hipóteses sobre a língua escrita expressam erros construtivos dos alunos – e o conhecimento dessas hipóteses propicia aos professores mediações oportunas e planejamento de atividades direcionadas a avanços na aquisição da língua escrita (BREGUNCI, 2014, s/p.).

Sendo assim, esses níveis ou etapas psicogenéticas no processo de alfabetização trazem informações importantes para a atuação do professor com relação à turma. Diante disso, é importante ter cuidado com o suposto “erro” ao analisar as atividades propostas, pois esse “erro” é que nos faz pensar em como essa criança está construindo esse processo da escrita, a maneira com que ela compreende essa “lógica” do ato de escrever.

Também é preciso destacar que a maioria destes alunos não está acostumada a ter contanto com essa linguagem, “a da escola”, que sempre é influenciada por um contexto que o serve, e em razão de certos interesses de determinados “grupos”, que não é a maioria da população brasileira. De um modo geral, após a análise de todos os registros, percebeu-se que muitos “procuravam escrever como era falado”, atentando-se muito à pronúncia, o que é comum nos estudos da psicogênese da língua escrita.

No entanto, é preciso deixar claro que a escrita não é uma “transcrição da fala”, como destaca Rojo (2006), mas uma representação desta, pois tenta relacionar a “palavra falada com a escrita”.

Isto leva a uma primeira conclusão importante sobre alguns mitos em que muitas pessoas acreditam: *não se escreve como se fala*. A fala se dá de diferentes maneiras em diferentes regiões do país e em vários grupos sociais, mas a escrita elege algumas letras e sinais para representar apenas alguns dos sons destas variedades (ROJO, 2006, p. 17).

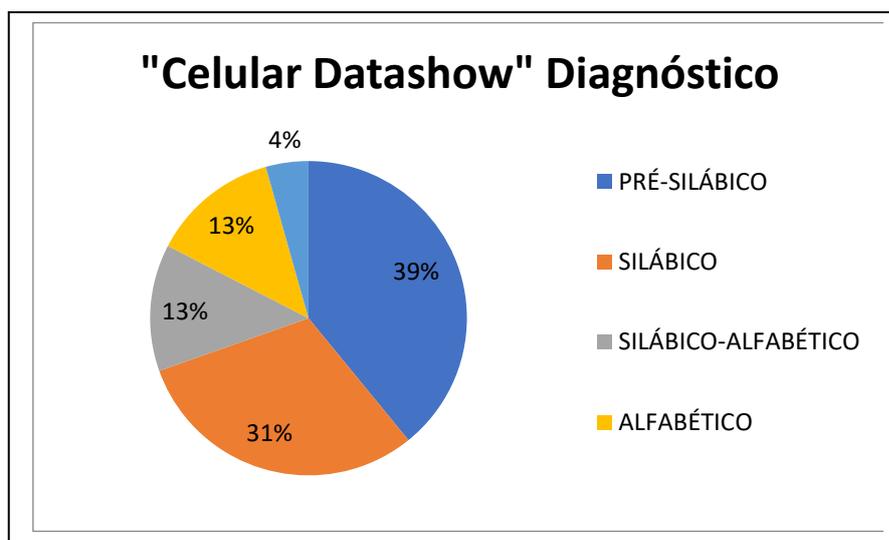
Ou seja, nem tudo “da fala” conseguimos representar através da escrita, há particularidades que só através da linguagem oral poderiam ser percebidas; por isso é comum as crianças trazerem para o ambiente escolar termos que fazem parte do seu cotidiano, da sua realidade; principalmente quando moram numa região considerada de “risco”, como as que pertencem à cidade de Ribeirão das Neves, que foram sujeitos desta pesquisa.

Entretanto, quando se analisam os registros individualmente, foi percebido que para alguns a utilização do vídeo fez diferença para que estes escrevessem na língua “padrão”. Já para outros, a cópia, mesmo com toda a sua “tradicionalidade”, teve mais efeito no momento de o aluno pensar nessa escrita.

Haverá necessidade de variar estratégias tanto para motivar o aprendiz, como para responder aos mais diferentes ritmos e formas de aprendizagem. Nem todos aprendem do mesmo e no mesmo tempo. ... As técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem (MORAN, 2008, p. 144).

E isso se torna mais evidente quando se compara com o mesmo teste aplicado da letra “A”, mas com a utilização do celular com o Datashow portátil, que é o Motorola Z3 Project Edition. Nesta etapa, 23 alunos preencheram as atividades e tentou-se analisar se havia tido alguma melhoria na escrita, em virtude da alteração do tamanho da imagem, uma das críticas feitas anteriormente pela escola à pesquisa.

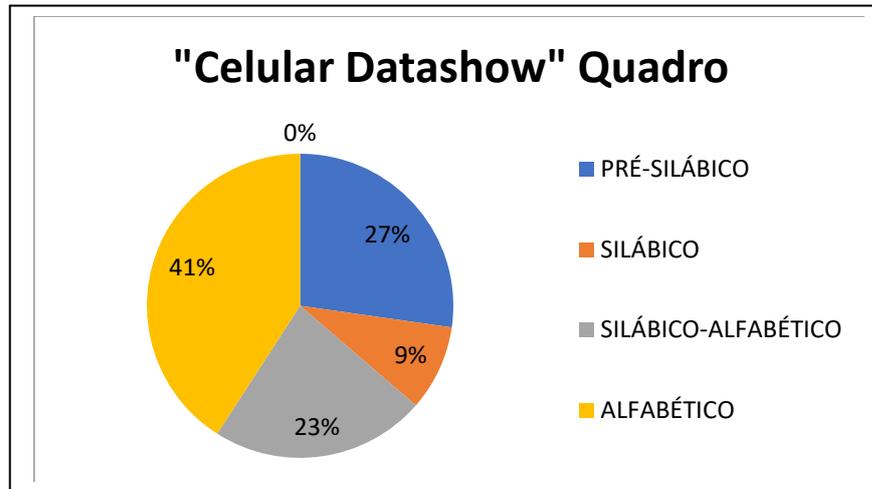
**Gráfico 4** - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “1ª Atividade” possuindo o “celular Datashow”.



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas atividades após vídeo de alfabetização, aplicada na escola (2019).

A primeira atividade utilizando o novo celular foi realizada no dia 11/06/19 e percebeu-se um aumento no número de alunos alfabéticos e uma diminuição no número de pré-silábicos. No entanto, passaram-se vários meses entre uma atividade e outra, em virtude de todo o processo da mudança do celular. Além disso, sabe-se que outras atividades educativas realizadas dentro do ambiente escolar (como mencionadas anteriormente), ou também fora dele, também poderiam ter contribuído para esse avanço na escrita. Por isso, agora, a partir desse novo diagnóstico utilizando o celular “Datashow”, será possível ter uma base para a análise das atividades posteriores (quadro e vídeo), tentando detectar se houve algum avanço, já que houve um aumento no tamanho da tela, o que pode ter contribuído para a alfabetização.

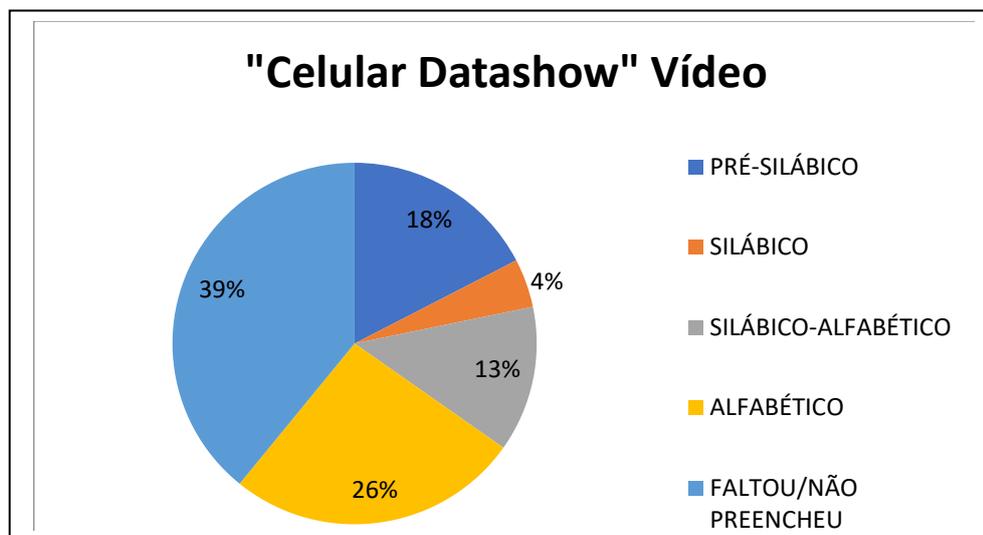
Gráfico 5 - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a “2ª Atividade - após quadro” possuindo o “celular Datashow”.



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas atividades após cópia do quadro (2019).

Aqui se percebe um ligeiro aumento com relação aos alunos alfabéticos e silábicos alfabéticos, apesar de permanecer quase inalterado o número de alunos pré-silábicos. Essa atividade foi aplicada no dia 27/06/19, após o recreio, logo depois do registro das palavras com a letra “A” no quadro. Mas e agora, após a exibição do vídeo através do celular?

**Gráfico 6** - Hipótese sobre o sistema de escrita de acordo com a "3ª atividade após vídeo" possuindo o "celular Datashow".



**Fonte:** Elaborada pela autora com base nas atividades após vídeo (2019).

Agora, uma nova situação se configura. Como as férias de julho se aproximavam, já que esta atividade foi aplicada no dia 04/07/19, vários alunos faltaram no dia da aplicação da atividade, que precisava da exibição do vídeo do celular. Ou seja, quase 39% dos alunos faltaram, o que dificultou demonstrar se, vendo o celular, eles conseguiram escrever as palavras corretamente. Tanto que o número de alunos alfabéticos foi reduzido de 41% para 26% demonstrando que muitos alunos que estavam alfabéticos não fizeram o teste, ficando complicado provar que o celular aumentou o número de alunos que já sabem ler. Seria necessário um tempo maior de pesquisa para verificar aluno por aluno e comparar se aqueles que ainda não liam, se fizeram o teste e se avançaram por meio do celular.

No entanto, mesmo utilizando do aparelho celular, ainda permaneciam 4 alunos que ainda não estavam conseguindo ler, ou seja, o celular não foi a “panaceia”, ou a solução para resolver todo o processo de alfabetização daquela turma; o que não quer dizer que ele também não possa ter contribuído para que esse processo realizasse.

O objetivo geral da pesquisa era investigar se o celular, através de vídeos de alfabetização, contribuía para o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental e, analisando os resultados, foi percebido que alguns alunos avançaram através do vídeo, mas não todos, pois ainda permaneceram 4 alunos sem ler.

Já em relação aos objetivos específicos, foi identificado o nível de escrita de todos os alunos pelo diagnóstico, muitos conseguiram reconhecer as letras/sílabas tanto pelo processo da cópia, como pelo vídeo; lembrando, como mencionado anteriormente, que várias

atividades que favorecem a alfabetização são realizadas em sala de aula e diariamente, além de ter sido observado o envolvimento dos alunos nas atividades propostas: eles paravam para ver os vídeos projetados, participavam e dialogavam entre si; já que o vídeo proporciona esta interação.

É importante mencionar também que, além do vídeo utilizado para os registros para a pesquisa, utilizo de vídeos de alfabetização todos os dias; e vários tipos de vídeos, que podem envolver tanto o foco em letras, quanto em sílabas e em palavras. E, ainda assim, 4 alunos não estão alfabetizados. No entanto, quando se compara em relação ao diagnóstico realizado no mês de fevereiro, percebe-se que, antes, a maioria era de alunos pré-silábicos e, hoje, a grande maioria da turma encontra-se alfabetizada.

Enfim, foi identificada uma escrita bem próxima do que é a exigida “como padrão”, mas isso não quer dizer que isso se deva exclusivamente ao uso da tela maior, ou até mesmo através da projeção por meio do celular. Outros instrumentos também poderiam ser utilizados para ampliar a imagem, como um “Datashow tradicional” com seus fios e cabos, acionados por um computador com internet; e isso não quer dizer que seja mérito de um celular.

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo (MORAN, 2010, p. 12).

Pode ser que para alguns isso possa até ter acontecido, mas outros processos relacionados à alfabetização (brincadeiras, ou jogos, que também fazem parte da prática em sala de aula), durante esse intervalo de meses, foram utilizados e fizeram com que alguns alunos aprendessem de uma maneira, outros de outra, e assim por diante, ou até externamente ao ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou identificar se o uso do celular no ambiente escolar poderia favorecer a alfabetização e para isso nos embasamos nos estudos de teóricos como Emília Ferreiro (1985), Magda Soares (2005) e José Manuel Moran (2008), que orientaram tanto o aspecto da alfabetização quanto sobre as novas tecnologias.

Além disso, embora haja dilemas sobre o seu uso tanto pelo corpo docente quanto por lei, há legislações específicas sobre o assunto, como a lei estadual 23.013, que permite o uso do celular dentro da sala de aula com fins pedagógicos; e a lei nacional, como a BNCC, além das organizações internacionais como a UNESCO, que apoiam o uso dessa tecnologia no ambiente escolar, bastando um planejamento adequado do professor para que isso aconteça, como foi apresentado nos primeiros capítulos da pesquisa.

Diante disso, no que se refere à influência do celular nesse processo, foi preciso realizar 3 tipos de registros (diagnóstico, cópia do quadro e exibição de vídeos de alfabetização através do celular). Já a intenção era ir alternando os momentos do quadro e do vídeo, para que não houvesse nenhum favorecimento de um em relação ao outro. Por exemplo, no primeiro momento, as palavras ainda não haviam sido exibidas na sala de aula, por isso o diagnóstico; pois alguns já poderiam até já estarem lendo. Mas quando ocorreu o registro no quadro, a escrita poderia favorecer a memorização; já se o vídeo viesse primeiro, poderia ocorrer o inverso, favorecendo a cópia. Ou seja, a ideia era ir mudando a ordem das atividades e observando a partir de qual processo os alunos mais se aproximariam da escrita da língua padrão-culta.

No entanto, obteve-se o nível de escrita de cada aluno segundo a psicogênese da língua escrita na sequência de atividades aplicadas na “cópia-celular”, uma vez que não foi possível, devido ao tempo, inverter essa ordem “celular-cópia”, já que vários empecilhos aconteceram durante a pesquisa, desde a compra do “Datashow”, que foi enviado errado, como a mudança de celular, troca do aparelho Moto G5S para o Moto Z3 Project Edition.

Por fim, vale a pena ressaltar que os resultados aqui apresentados nos levam a observar que vários fatores podem interferir neste processo de alfabetização e que muitas vezes este

extrapola o próprio ambiente escolar. Portanto, não há respostas “prontas” quando se fala em educação, porque lidar com o ser humano é algo complexo e, por isso, determinadas metodologias não serviriam para todas as turmas, muito menos seriam efetuadas da mesma maneira pelos professores; mas é preciso ter entendimento e conhecimento sobre o assunto para tentar refletir sobre a prática e encontrar caminhos que favoreçam a alfabetização, o que nos leva novamente ao interesse em relação ao uso do celular, como mostrado no capítulo “Tecnologias da Informação e a Escola”. Ou seja, não se pode deixar de destacar que a escola pertence a uma sociedade globalizada e sofre influências a todo momento, sendo que interesses econômicos se escondem em determinadas atitudes e propostas.

Vale lembrar também que várias atividades que podem influenciar o processo de alfabetização foram realizadas dentro da sala de aula, desde brincadeiras, contação de histórias e jogos realizados pelos alunos; além dos vídeos que aconteciam todos os dias e com a sequência de letras do alfabeto, até mesmo envolvendo sílabas.

Por fim, outro fato relevante, e que é fundamental quando se fala da aprendizagem, é o envolvimento dos alunos com essa tecnologia, pois os recursos de som e imagem em movimento fazem com que os alunos parem e prestem atenção no que está sendo proposto. Diante disso, utilizar o celular traz uma nova dinâmica para a sala de aula, que se torna mais atrativa. No caso da pesquisa, foi percebido que os alunos paravam, concentravam-se na apresentação e “conversavam” com o tipo de vídeo que foi escolhido, já que ele permite esta interação, e até mesmo com os outros alunos dentro da sala de aula.

Finalizamos a nossa análise deixando claro que a utilização de mais uma tecnologia, já que o celular não passa de mais um instrumento para que o processo de aprendizagem possa ser favorecido, não significa que resolverá ou será a solução para o processo de alfabetização no 1º ano do 1º ciclo; e os dados obtidos pela pesquisa confirmaram isso quando, mesmo utilizando o celular “Datashow”, ainda permanecem alunos na turma que não conseguem ler. Ou seja, ele não é a solução para resolver toda a questão do analfabetismo que ainda persiste no nosso país. Desse modo, não se pode dar às novas tecnologias essa responsabilidade, senão não haveria mais analfabetos, principalmente os “funcionais”.

O que a pesquisa pretende destacar é a necessidade de se pensar em estratégias mais atuais e presentes na vida dos alunos, que sirvam como mais um recurso para facilitar e proporcionar a aprendizagem, trazendo aulas mais elaboradas, já que o professor pode acionar uma “gama de possibilidades” via internet aprimorando a sua aula, fazendo com que ela esteja contextualizada e melhorando a sua própria formação e atuação. A praticidade de se utilizar o celular também foi um fato primordial relatado anteriormente, uma vez que não traz a necessidade do uso de fios e de se fazer agendamentos na escola para se obter o aparelho Datashow.

Outro resultado muito importante dessa pesquisa, para mim, foi a descoberta do celular “Datashow”, o que possibilitou o aprimoramento da minha prática docente, permitiu que eu buscasse “conhecimentos”; além de acessar metodologias, vídeos ou filmes de acordo com a proposta do ano/ciclo, oportunizando aos alunos uma visualização tipo “cinema”, o que abriu um leque de possibilidades e favoreceu um maior envolvimento da turma.

Ou seja, longe de ser uma “panaceia” para os problemas educacionais, os “aparelhos móveis” podem ser uma possibilidade para favorecer a curiosidade, a motivação e, de certo modo, a alfabetização dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Naiara. BNCC: como a escola deve usar a tecnologia na alfabetização? **Nova Escola**, São Paulo, ago. 2018. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/12443/bncc-como-a-escola-deve-usar-a-tecnologia-na-alfabetizacao>. Acesso: 03 dez. 2018.

ALMANAQUE, Os Pequerruchos. **Letra A – LETRAS**. 2016. (1m32s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KF7mCaJmFJo>. Acesso: 19 fev. 2019.

ALVES, Paulo. Moto Snaps: entenda o que são os acessórios modulares da linha Moto Z. **TechTudo**. Globo Comunicação e Participação S.A. [Rio de Janeiro], jun. 2016. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/06/moto-snaps-entenda-o-que-sao-os-acessorios-modulares-da-linha-moto-z.html>. Acesso: 27 jul. 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

BASILIO, Ana Luiza. Organizações reagem ao método fônico e pedem diálogo para MEC na alfabetização. **Revista Carta Capital**, São Paulo, fev. 2019. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/organizacoes-reagem-ao-metodo-fonico-e-pedem-dialogo-para-mec-na-alfabetizacao/>. Acesso: 06 fev. 2019.

BACCO, Thaisa Sallum. **Formação de professores para uso da mídia na escola**. Curitiba: Appris, 2018.

BELMIRO, Celia Abicalil. Textos visuais. In.: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 20 fev. 2019.

BLOG ALUNOS NOVOS. **9 aplicativos que ajudam na alfabetização infantil**. [S.I.]. ago. 2016. Disponível em: <http://novosalunos.com.br/9-aplicativos-que-ajudam-na-alfabetizacao-infantil/>. Acesso: 26 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional determina alfabetização até o segundo ano do ensino fundamental**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47191-base-nacional-determina-que-criancas-sejam-alfabetizadas-ate-o-segundo-ano-do-fundamental>. Acesso: 20 fev. 2019.

BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. Psicogênese da aquisição da língua escrita. In.: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 20 fev. 2019.

BOAVENTURA, Edivaldo; PÉRISSE, Paulo. Educação e globalização: uma perspectiva planetária. In.: **ENSAIO: Avaliação das políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro: Fundação Cesgrandrio, v. 7, n. 22, jan./mar.1999.

CALÇADE, Paula. Existe método Paulo Freire nas escolas públicas? **Nova Escola**, São Paulo, out. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12896/existe-metodo-paulo-freire-nas-escolas-publicas>. Acesso: 08 dez. 2019.

CARVALHO, Gilcieni Teodoro. Palavra canônica. In.: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 15 nov. 2019.

DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

EITERER, Carmem Lúcia; Medeiros, Zulmira. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. V. 1.

FERRARI, Márcio. Paulo Freire, o mentor da Educação para a consciência. **Nova Escola**, São Paulo, out. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>. Acesso: 19 de fev. 2019.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FERREIRO, Emilia; Teberosky, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284p.

FERNANDES, Elisângela. Esquema de ação de Piaget. **Nova Escola**, São Paulo, fev. 2011. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/36/esquemas-de-acao-de-piaget>. Acesso: 06 fev. 2019.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do formador**. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUJITA, Luiz. Qual foi a primeira escola? **Superinteressante**, São Paulo, jul. 2018. Disponível em: <http://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-primeira-escola/>. Acesso: 22 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.  
GOMES, Celso. **Smartphones e tablets: ferramentas para expandir a sala de aula**. Curitiba: Appris, 2016.

GOMES, Helton Simões. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. Rio de Janeiro, 21 fev, 2018. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml> . Acesso: 21 fev. 2019.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

Haidar, Silvia. 5 coisas que você não sabia que um celular podia fazer. **Superinteressante**, São Paulo, dez. 2009. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/5-coisas-que-voce-nao-sabia-que-um-celular-pode-fazer>. Acesso: 30 nov. 2018.

INAF. (Indicador de Alfabetismo Funcional). **Inaf Brasil 2018 Resultados Preliminares**. Instituto Paulo Montenegro. São Paulo: ação Educativa, 2018. Disponível em: [http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018\\_Relatório-Resultados-Preliminares\\_v08Ago2018.pdf](http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relatório-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf). Acesso: 08 dez. 2019.

JORDÃO, Fabio. **História: a evolução do celular**. Tecmundo. [S. I.], mai. 2009. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/celular/2140-historia-a-evolucao-do-celular.htm>. Acesso: 26 fev. 2019.

KARANSKI, Lucas. **O que é tecnologia?** Tecmundo. [S. I.], jul. 2013. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/tecnologia/42523-o-que-e-tecnologia-.htm>. Acesso em: 21 set. 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MINAS GERAIS. **Lei Ordinária 23013, de 21 de Junho de 2018**. Altera a Lei nº 14.486, de 9 de dezembro de 2002, que disciplina o uso de telefone celular em salas de aula, teatros, cinemas e igrejas. Disponível em: <http://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-23013-2018-minas-gerais-altera-a-lei-n-14486-de-9-de-dezembro-de-2002-que-disciplina-o-uso-de-telefone-celular-em-salas-de-aula-teatros-cinemas-e-igrejas>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MOÇO, Anderson. Diagnóstico na alfabetização para conhecer a nova turma. **Nova Escola**, São Paulo, mar. 2009. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/2489/diagnostico-na-alfabetizacao-para-conhecer-a-nova-turma>. Acesso: 09 set. 2019.

MORAN, José. **Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora**. São Paulo, jul. 2017. Disponível em <https://moran10.blogspot.com/2017/07/tecnologias-digitais-para-uma.html>. Acesso: 30 nov.2018.

MORAN, José *et al.* **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

MONROE, Camila. Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. **Nova Escola**, São Paulo, mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/.../vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-media...> Acesso: 05 fev. 2019.

MOURA, Adelina Maria Carreiro. **Geração Móvel**: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”. In.: DIAS, P.; OSÓRIO, A. J. (org.). VI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TIC NA EDUCAÇÃO CHALLENGES 2009/Desafios 2009. Actas... Braga: Universidade do Minho, Portugal, 2009. Disponível em: <http://adelinamouravita.com.sapo.pt/gpolegar.pdf>. Acesso: 31 mi. 2019.

NEIVA, Livia da Silva; TOCHI, Mirza Seabra. **Entre a apropriação e a proibição**: o celular na escola. Goiânia: Novas edições Acadêmicas, 2017.

NOVA ESCOLA. Celular em sala de aula: proibir ou não? **Nova Escola**. São Paulo, abr. 2015. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/102/celular-em-sala-de-aula>. Acesso: 22 fev. 2019.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (org.). **Novas linguagens e novas tecnologias**: educação e sociabilidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PEREZ, Luana Castro Alves. Analfabetismo funcional. **Brasil Escola**. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>. Acesso: 29 de julho de 2019.

PORVIR, Marina Lopes do; PORVIR, Vinicius de Oliveira do. Conectividade e cultura escolar são barreiras para uso de celular. **Nova Escola**, São Paulo, ago. 2018. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/12441/conectividade-e-cultura-escolar-sao-barreiras-para-uso-de-celular-em-sala-de-aula>. Acesso: 26 fev. 2019.

REALE, Giovanni. Tradução de Ephraim Alves Ferreira. **Salvar a escola na era digital**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tecnologia digital. In.: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 20 fev. 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. Letramento digital. In.: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 20 fev. 2019.

ROJO, Roxane. **As relações entre fala e escrita**: mitos e perspectivas. Caderno do Professor. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

ROJO, Roxane (org.). **Escol@ Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola:2016.

VIEGAS, Amanda. Como aproveitar o uso do celular na sala de aula. São Paulo, jun. 2018. **Tecnologia da Educação**. Disponível em <http://www.somospar.com.br/uso-do-celular-em-sala-de-aula>. Acesso: 30 nov.2018.

QUEIROZ, Carlos. Descubra os benefícios do uso do celular na escola. Santa Catarina, mai. 2015. **Educação na cultura digital**. Disponível em <http://educacaonaculturadigital.ufsc.br/hipermidia-celular>. Acesso: 02 dez. 2018.

SANCHES, Romannessa. **O primeiro celular da história**. TechTudo. Globo Comunicação e Participação S.A. [Rio de Janeiro] jul. 2011. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/07/o-primeiro-celular-da-historia.html>. Acesso: 26 fev. 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua substitui a aprendizagem formal? **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP - FCET/PUC-SP**. V.II, n. 1, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/ReCET/article/download/3852/2515>. Acesso: 31 de maio 2019.

SAVIAN, Márcia Regina de Oliveira; OMETTO, Cláudia Beatriz de Castro Nascimento. A alfabetização como prática dialógica de leitura e escrita. **Revista Brasileira de alfabetização**. Vitória, v. 1, n. 3, p. 159-180, jan./jul. 2016.

SEMIS, Laís. Temos de ensinar as crianças a questionar desde que elas aprendem a ler. **Nova Escola**, São Paulo, mai. 2018. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/11764/temos-de-ensinar-as-criancas-a-questionar-desde-que-elas-aprendem-a-ler>. Acesso: 25 fev. 2019.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas; CANELA, Guilherme. Os porquês de uma política nacional de mídia educação. **Revista Eca**, São Paulo, ano XVI, n. 2, jul/dez 2012.

SOARES, Magda Becker. Alfabetização. *In.* FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 20 fev. 2019.

SOARES, Magda Becker. Letramento. *In.* FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 20 fev. 2019.

SOARES, Magda Becker. “Vivi o Estado Novo e passei pela ditadura, mas nunca vi um período tão assustador como este na educação”. [10 de janeiro, 2019]. São Paulo: **Nova Escola**. Entrevista concedida a Laís Semis. Disponível em: <http://novaescola.org.br/conteudo/15004/vivi-o-estado-novo-e-passei-pela-ditadura-mas-nunca-vi-um-periodo-tao-assustador-como-este-na-educacao>. Acesso: 06 fev .2019.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2005.

SROUR, Robert Henry. **Poder, cultura e ética nas organizações**. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SOUZA, João Valdir Alves de. **Introdução à Sociologia da Educação**. 3.d. Rio de Janeiro: Autêntica, 2015.

STREET, Bryan. Multimodalidade. In.: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale - Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/ Ceale, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso: 20 fev. 2019.

TAVARES, M.A.; ABRANCHES. de F. P. de S. (org.). **Múltiplos olhares na pesquisa em educação**. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 2012.

TOSCHI, Mirza Seabra; NEIVA, Livia da Silva Neiva Martin. **Entre a apropriação e a proibição: o celular na escola. Trânsito dos dispositivos móveis em escolas públicas**. Anápolis, MIELT/UEG. Dissertação. Novas Edições Acadêmicas, 2014.

UNESCO. **Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel**. 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227770>. Acesso: 25 fev. 2019.

**APÊNDICE 1**

ESCOLA MUNICIPAL DEPUTADO RENATO AZEREDO – 1o TURNO

NOME: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**1ª ATIVIDADE**

1 – ESCREVA O NOME DAS FIGURAS ABAIXO:



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

## APÊNDICE 2



ESCOLA MUNICIPAL DEPUTADO RENATO AZEREDO – 1o TURNO

NOME: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**2ª ATIVIDADE - APÓS QUADRO**

1 – ESCREVA O NOME DAS FIGURAS ABAIXO:



**APÊNDICE 3**

ESCOLA MUNICIPAL DEPUTADO RENATO AZEREDO – 1o TURNO

NOME: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**3ª ATIVIDADE - APÓS VÍDEO**

1 – ESCREVA O NOME DAS FIGURAS ABAIXO:



**ANEXO 1****LEI 23.013, DE 21 DE JUNHO DE 2018.**

Altera a Lei nº 14.486, de 9 de dezembro de 2002, que disciplina o uso de telefone celular em salas de aula, teatros, cinemas e igrejas.

O povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, aprovou, e eu, em seu nome, nos termos do § 8º do art. 70 da Constituição do Estado de Minas Gerais, promulgo a seguinte lei:

**Art. 1º** O art. 1º da Lei nº 14.486, de 9 de dezembro de 2002, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º É vedada a conversação em telefone celular e o uso de dispositivo sonoro do aparelho em teatros, cinemas, igrejas, salas de aula, bibliotecas e demais espaços destinados ao estudo.

§ 1º Em salas de aula, bibliotecas e demais espaços destinados ao estudo, é vedado também o uso de outros aparelhos eletrônicos que possam prejudicar a concentração de alunos e professores, salvo em atividades com fins pedagógicos."

**Art. 2º** Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio da Inconfidência, em Belo Horizonte, aos 21 de junho de 2018; 230º da Inconfidência Mineira e 197º da Independência do Brasil.

Deputado Adalclever Lopes  
Presidente

Deputado Rogério Correia  
1º-Secretário

Deputado Alencar da Silveira Jr.  
2º-Secretário

## ANEXO 2



## CÂMARA DOS DEPUTADOS

**PROJETO DE LEI Nº \_\_\_\_\_, DE 2015**  
(Do Sr. Alceu Moreira)

*Proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de educação básica e superior.*

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica proibido o uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de educação básica e superior.

Parágrafo único. Serão admitidos, nas salas de aula de estabelecimentos de educação básica e superior, aparelhos eletrônicos portáteis, desde que inseridos no desenvolvimento de atividades didático pedagógicas e devidamente autorizados pelos docentes ou corpo gestor.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

**JUSTIFICAÇÃO**

No primeiro ano da legislatura anterior, o ilustre Deputado Federal Pompeo de Mattos apresentou à Câmara dos Deputados projeto de lei que vedava a utilização de telefones celulares nas escolas de todo o País. Em 2010, no fim da sessão legislativa e da 53ª legislatura, esse projeto já havia sido aprovado na Comissão de Educação e Cultura e recebera parecer favorável do relator na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. No entanto, em razão de não ter concluído sua tramitação nesta Casa, a

proposição foi arquivada, em fevereiro deste ano, nos termos do art. 155 do Regimento Interno desta Casa.

Venho por meio deste projeto de lei reapresentar a matéria, aproveitando os aperfeiçoamentos que ela recebeu na Comissão de Educação e Cultura. Na discussão do Projeto nessa Comissão, em 2009, concluiu-se que, “para preservar a essência do ambiente pedagógico, cabe a extensão da proibição de uso em sala de aula a todos os equipamentos eletrônicos portáteis que desviam a atenção do aluno do trabalho didático desenvolvido pelo professor.” Além disso, argumentou-se que “a utilização desses equipamentos em sala de aula é ainda mais frequente entre os alunos das instituições de ensino superior que na educação básica, motivo pelo qual se acordou pela ampliação da abrangência da proposta àquele nível de ensino.”

Com a motivação de buscar soluções para um dos problemas referidos com frequência por professores e gestores das escolas, o do uso indevido e abusivo desses aparelhos, com prejuízo para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, peço o apoio dos nobres pares para a aprovação da matéria.

Sala das Sessões, em 02 de fevereiro de 2015.

**Deputado ALCEU MOREIRA**